

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL - ICHPO

PROF. DR. AURELINO JOSÉ FERREIRA FILHO

Memorial Descritivo para Promoção à Classe de Professor Titular da
Carreira de Magistério Superior

O FAZER-SE DE UM DOCENTE DO MAGISTÉRIO SUPERIOR: ENTRE
TRAJETÓRIAS DE VIDA E O MUNDO DO TRABALHO

UBERLÂNDIA – MG

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL – ICHPO

PROF. DR. AURELINO JOSÉ FERREIRA FILHO

**O FAZER-SE DE UM DOCENTE DO MAGISTÉRIO SUPERIOR: ENTRE
TRAJETÓRIAS DE VIDA E O MUNDO DO TRABALHO**

Memorial descritivo apresentado ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal – CIHPO da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a promoção à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, de acordo com a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 09 de junho de 2017.

UBERLÂNDIA – MG

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F383f
2024 Ferreira Filho, Aurelino José.
 O fazer-se de um docente do magistério superior [recurso eletrônico] :
 entre trajetórias de vida e o mundo do trabalho / Aurelino José Ferreira
 Filho. - 2024.

 Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
 Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Humanas do
 Pontal.

 Modo de acesso: Internet.

 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5513>

 Inclui bibliografia.

 1. Professores universitários. I. Universidade Federal de Uberlândia.
 Instituto de Ciências Humanas do Pontal. III. Título.

CDU: 378.124

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL – ICHPO

Memorial Descritivo para Promoção à Classe de Professor Titular da
Carreira de Magistério Superior

O FAZER-SE DE UM DOCENTE DO MAGISTÉRIO SUPERIOR: ENTRE
TRAJETÓRIAS DE VIDA E O MUNDO DO TRABALHO

COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO

Membros(as) Externos(as)

Profa. Dra. Elizabeth Farias da Silva (UFSC)
Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo (UNIUBE)
Prof. Dr. Romualdo Pessoa Campos Filho (UFG)

Membra Interna

Profa. Dra. Betânia Oliveira Laterza Ribeiro (UFU) (Presidente da Banca)

Suplente Externa

Profa. Dra. Ney Cristina Monteiro de Oliveira – (UFPA)

Suplente Interna

Professora Dra. Jorgetânia da Silva Ferreira (UFU)

UBERLÂNDIA- MG

2024

**Aos meus pais, Aurelino José Ferreira e
Francisca Ferreira de Souza, *in memoriam*,
que sempre acreditaram**

Agradecimentos

Pretendo que este Memorial seja uma singela prestação de contas à sociedade, à Universidade e à comunidade acadêmica das quais faço parte, mas também uma reflexão sincera sobre minha trajetória no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão da Educação pública. Neste sentido, reconheço que este caminhar só foi possível porque sempre contei com pessoas que, individual ou coletivamente, se fizeram presentes de forma imprescindível a esta trajetória, e às quais sou profundamente agradecido e para quem dedico as páginas a seguir.

Impossível não começar meus profundos agradecimentos aos meus pais, Aurelino José Ferreira e Francisca Ferreira de Souza (*in memoriam*), que me trouxeram até aqui.

À Maila Aparecida Borges Ferreira, sempre presente nesta jornada. Aos meus filhos João Henrique Borges Ferreira e Heitor Borges Ferreira, pela esperança. Aos meu irmão e às minhas irmãs, que sempre tiveram orgulho de minha trajetória acadêmica.

Embora seja difícil citar nomes sem correr o risco de, incautamente, omitir alguém, não posso deixar de agradecer à professora Dalva Maria de Oliveira (UFU), à professora Jorgetânia da Silva Ferreira (UFU) e à professora Olenir Maria Mendes (UFU), colegas de primeira hora que, desde meu ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), me acolheram carinhosamente e me inseriram no complexo universo das relações acadêmicas e interpessoais da universidade. São colegas com as quais caminhei e aprendi não só sobre a atuação nas diversas instâncias da instituição e do movimento docente, mas, sobretudo, sobre a vida em comunidade e coletividade.

Aos meus colegas do Curso de História do Pontal, pela trajetória de vários anos juntos, trabalhando para construir o curso e o Campus do Pontal, a Universidade Federal de Uberlândia UFU, e a própria universidade pública brasileira. Destaques especiais vão para os professores Eduardo Giavara (UFG), Astrogildo Fernandes da Silva Junior (UFU) e José Josberto Montenegro Sousa (UNILAB), com os quais dividi profícuos diálogos. À professora Geovanna de Lourdes Alves Ramos (UFU), colega recente, com a qual tenho dividido momentos frutíferos de trabalho e que contribuíram para a composição da Banca de Avaliação deste Memorial.

À professora Bethânia de Oliveira Laterza (UFU), também colega de primeira hora, com quem aprendi o valor da solidariedade e da perseverança nas árduas labutas cotidianas da constituição do Campus Pontal, bem como pela importante contribuição na montagem na Banca de Avaliação deste Memorial, sem a qual a mesma não seria possível.

Não posso também deixar de reconhecer a importância da Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e a rica convivência com professores e professoras daquela instituição. Importante destacar como aqueles e aquelas docentes, da graduação ao doutorado, souberam estabelecer relações em que não se separam a formação acadêmica, o conhecimento adquirido nas leituras, seminários e debates em sala de aula e a formação social e política dos sujeitos. Também agradeço aos colegas de turmas, quase todos(as) trabalhadores(as), que, como eu, sabiam da importância daquele lugar não só para sua formação acadêmica, mas também para suas trajetórias de vida.

Também reconheço e agradeço aqui o importante papel da Escola pública em toda minha formação, pois foi nesta tão importante fase de minha vida que se deu o início e as bases desta trajetória e a certeza de que este seria o único caminho pelo qual eu poderia me diferenciar em uma família na qual, por gerações, fui o primeiro a entrar em uma Universidade para fazer um curso superior. Vários anos depois, ainda sou o único a ingressar, agora como docente, em uma Universidade pública.

À Profa. Dra. Elizabeth Farias da Silva (UFSC), ao professor Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo (UNIUBE), ao professor Prof. Dr. Romualdo Pessoa Campos Filho (UFG), à Profa. Dra. Ney Cristina Monteiro de Oliveira – (UFPA) e à Profa. Dra. Jorgetânia da Silva Ferreira (UFU), por gentilmente terem aceitado compor a Banca Avaliativa deste Memorial, aos quais agradeço profundamente.

Ao Prof. Dr. Marcos Daniel Longhini (FACED - UFU), pela leitura cuidadosa deste Memorial.

**Articular o passado historicamente não significa
conhecê-lo tal como ele propriamente foi,
significa apoderar-se de uma lembrança tal qual
ela cintilou no instante de um perigo.**

RESUMO

Este memorial cumpre parte dos requisitos exigidos para a Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular na Carreira do Magistério Superior, de acordo com a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 09 de junho de 2017. Para a sua elaboração, procurei seguir o disposto no Anexo 5, Roteiro para Elaboração do Memorial, da Resolução nº 03/2017, do Conselho Diretor, de 9 de junho de 2017. Está organizado em palavras iniciais, sete capítulos e palavras finais, que versam desde Memórias e experiências no fazer-se de um docente no mundo do trabalho, passando por caminhos da formação entre a História e o fazer-se docente de um trabalhador; o fazer-se docente do magistério superior entre Universidades privadas; a formação acadêmico-profissional e a gestão pública; a Carreira acadêmica de um docente no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão na constituição de um Campus fora de sede; o constituir-se docente entre a docência e a gestão acadêmica; a formação de uma carreira docente entre o ensino, a pesquisa, a extensão, a gestão e a participação no movimento docente organizado, chegando ao pós-doc como processo de amadurecimento no fazer-se de um docente. Todos estes aspectos dialogam com a Memória como fio condutor desta narrativa em um misto de reminiscências afetivo-cronológicas de experiências passadas que, no presente, ganham sentidos e significados.

Palavras-chave: memória, História, pesquisa, educação, ensino.

ABSTRACT

This memorial meets part of the requirements required for Promotion from the Class of Associate Professor IV to the Class of Full Professor in the Higher Education Career, in accordance with MEC Ordinance No. 982, of October 3, 2013, regulated by Resolution No. 3 /2017, of the Board of Directors of the Federal University of Uberlândia, of June 9, 2017. For its preparation, I sought to follow the provisions of Annex 5, Roadmap for Elaboration of the Memorial, of Resolution no. 03/2017, of the Board of Directors, of June 9, 2017. It is organized into initial words, seven chapters and final words, ranging from Memories and experiences in becoming a teacher in the world of work, through training paths between History and becoming a teacher of a worker; becoming a higher education professor at private universities; academic-professional training and public management; the Academic career of a professor in the Teaching, Research and Extension tripod in the establishment of a Campus outside the headquarters; becoming a teacher between teaching and academic management; the formation of a teaching career between teaching, research, extension, management and participation in the organized teaching movement, reaching the Postdoc as a process of maturation in becoming a teacher. All these aspects dialogue with Memory as the guiding thread of this narrative in a mix of affective-chronological reminiscences of past experiences that, in the present, gain meanings and meanings.

Keywords: memory, History, research, education, teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Disciplinas ministradas na Universidade Federal de Uberlândia – UFU (2008-2024)	
Quadro 2	Orientação de Iniciação Científica – PIBIC	
Quadro 3	Orientações de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	
Quadro 4	Participação em defesas de Trabalho de Conclusão de Cursos – TCC	
Quadro 5	Linhas de Pesquisas / Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasi CNPQ	
Quadro 6	Grupos de Estudos / Universidade Federal de Uberlândia – UFU (Ativos / Concluídos)	
Quadro 7	Projetos de Pesquisa Ativos/Encerrados	
Quadro 8 -	Publicações / Artigos completos	
Quadro 9	Participação em Congressos / Seminários / Encontros acadêmicos	
Quadro 10	Participação em Bancas de mestrados e doutorados / Pareceres / Produção de relatórios / Comissões científicas/organização de Eventos acadêmicos	
Quadro 11	Gestão: Coordenação de Curso e participação em Comissões internas e externas, Programa Tutorial – PET	
Quadro 12	Produção de relatórios acadêmicos de pós-doutoramento	

SUMÁRIO

	ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS: os Memoriais acadêmicos como instrumento de progressão e reflexão sobre a Carreira docente do magistério superior no Brasil	
1	ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS	
1.1	O fazer-se de um docente no mundo do trabalho no ABCD Paulista (1980 – 2000)	
2	CAMINHOS DA FORMAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA, A AUTOCONSTRUÇÃO E O FAZER-SE DOCENTE DE UM TRABALHADOR	
2.1	O Curso de História da PUC-SP	
2.2	O ingresso como Educador na Secretaria do Menor do Estado de São Paulo	
2.3	A autoconstrução da primeira moradia	
2.4	O Mestrado no Programa de Pós-graduação em História Social da PUC-SP	
2.5	O Projeto Alquimia	
2.6	O Magistério na Rede pública do Estado de São	
2.7	O ingresso no Doutorado	
3	4. O FAZER-SE DOCENTE NO MAGISTÉRIO SUPERIOR ENTRE UNIVERSIDADE PRIVADAS, A FORMAÇÃO ACADEÊMICO-PROFISSIONAL EA GESTÃO PÚBLICA	
3.1	A Faculdade Don Domênico	
3.2	A Universidade do Valo do Sapucaí – UNIVÁS	
3.3	O Centro Educacional Unificado – CEU Aricanduva	
4	A CARREIRA ACADÊMICA DE UM DOCENTE NO TRIPÉ ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA CONSTITUIÇÃO DE UMA UNIDADE ACADÊMICA E UM CAMPUS FORA DE SEDE.	

4.1	O Campus Pontal e a Faculdade Integrada do Pontal – FACIP	
4.2	O tripé Ensino, Pesquisa e Extensão	
4.3	A sala de aula como elemento formativo no fazer-se de um docente em um campus fora de sede	
4.4	Orientações de Iniciação científica – IC e Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC	
4.5	Linhas de pesquisas	
5	O CONSTITUIR-SE DOCENTE NA DOCÊNCIA E NA GESTÃO ACADÊMICA	
5.1	A coordenação do Curso de Graduação em História do Pontal	
5.2	O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Interdisciplinar FACIP UFU (biênio 2014-2015)	
5.3	Comissões de criação do Museu de Antropologia e Arqueologia da UFU – MAnA UFU	
5.4	O Programa de Educação Tutorial PET História do Pontal (2023-2026)	
6	A FORMAÇÃO DE UMA CARREIRA DOCENTE ENTRE O ENSINO, A PESQUISA, A EXTENSÃO, A GESTÃO E A PARTICIPAÇÃO NO MOVIMENTO DOCENTE ORGANIZADO	
7	O PÓS-DOC COMO PROCESSO DE AMADURECIMENTO NO FAZER-SE DOCENTE	
	ALGUMAS PALAVRAS FINAIS	
	REFERÊNCIAS	

1. ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS: os Memoriais acadêmicos como instrumento de progressão e reflexão sobre a Carreira docente do magistério superior no Brasil

Este Memorial tem como objetivo apresentar e refletir sobre minha trajetória acadêmico-profissional, em cumprimento ao requisito parcial para a progressão na Carreira do Magistério Superior para o Cargo de Titular na Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

A progressão na Carreira docente do magistério superior nas Universidades públicas brasileiras para Titular (Classe E) orienta que o docente deve

c) lograr aprovação de memorial que deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, ou defesa de tese acadêmica inédita¹.

É interessante notar a pujança de artigos acadêmicos que têm tomado a produção destes Memoriais como um importante instrumento de reflexão crítica sobre o fazer docente no ensino superior, e um importante instrumento de reflexão sobre a própria Carreira do magistério superior no Brasil, que possibilita pensarmos sobre ela como um processo em permanente construção.

Para a maioria dos autores, a noção de Memorial acadêmico apresenta-se como gênero narrativo e escrita biográfica no qual é narrado, a partir dos lampejos da memória, experiências formadoras, acadêmicas e profissionais, mas também pessoais, por parte de quem os produzem.

Sendo assim, optei por iniciar este meu caminhar fazendo uma rápida digressão sobre a produção deste material, entendendo-o como gênero narrativo e autobiográfico que também tem possibilitado importantes reflexões sobre o nosso próprio fazer-se na Carrera do Magistério Superior no Brasil.

As duas noções do significado de Memorial acadêmico, instrumento de progressão na carreira e gênero narrativo, dialogam entre si, pois tal documento, mesmo sendo parte de uma tradição institucional que compõe a dinâmica da Carreira do magistério no ensino superior brasileiro, é constituído por histórias de vida, acadêmica, mas também pessoal, de quem os produzem, ou seja, uma “escrita de si”.

Nesse sentido, as considerações de Vieira (2017), e também de outros autores, explicitam a impossibilidade de narrar toda a experiência vivenciada pelo narrador; contudo, a produção destes Memoriais pode ser compreendida como um exercício executado pela

¹ **Lei nº 12.772 de 28/12/2012 - Senado Federal.** Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112772.htm. Consultado em 02/05/2024 às 9h27’

memória, o qual se dedica a narrar e analisar os momentos por ela considerados significativos, especialmente aqueles que corroboraram a sua Carreira docente no ensino superior.

A importância deste exercício, portanto, segundo o autor, consiste no desejo da conquista da mobilidade na Carreira, mas, para além disso, possibilitará também reflexões sobre o diálogo entre a dimensão individual e interpessoal de seus autores.

Inês Ferreira de Souza Bragança (2023), ao apontar sobre a importância dos Memoriais nos processos de formação, a partir da perspectiva de Paul Ricoer (Ricoer, 2010 *apud* Bragança, 2023), chama a atenção para a importância de se produzir uma escrita sobre “si-mesma”. Para a autora, falar sobre si consiste em uma ação de articulação discursiva dos contextos históricos, políticos, sociais e culturais vividos pelo autor narrador. Dessa maneira, o exercício de produzir uma escrita sobre si é algo que pode evidenciar determinadas interconexões e identificações entre os sujeitos envolvidos, o autor e o leitor, promovidas pelo compartilhamento de experiências pautadas pelos contextos vividos por ambos, como momentos de infâncias, experiências tidas como mais importantes, enfim, fases ou acontecimentos que marcaram suas vidas.

A literatura atinente à produção de Memoriais acadêmicos sugere que, embora não haja regras rígidas no tocante a sua metodologia, podendo o autor escolher livremente o que narrar, tem prevalecido uma certa linha do tempo conduzida pela memória por meio de reminiscências significativas, que vão desde a infância, recortes temporais, experiências marcantes ou marcos cronológicos da trajetória de quem narra.

Assim, por exemplo, quando Vieira (2017) volta à narrativa a respeito da sua trajetória profissional, destaca a infância como um momento de grande importância para a sua formação intelectual. Isso ocorre devido ao fato de contar com a criação de pais professores que contribuíram para a construção de um ambiente que, nas suas palavras, era “repleto de livros”. Isso justificou, desta forma, seu interesse pela leitura. Quanto a sua juventude, ressalta sua aproximação com as questões políticas, as quais foram também influenciadas pela dinâmica do ambiente familiar.

Refiro-me a essas memórias e a esse ambiente familiar porque o meu interesse pelo estudo da sociedade e do indivíduo não foi consequência do ambiente escolar, na verdade não gostava de ir para escola. Foi no convívio familiar que despertei para pensar problemas sociais e políticos, em particular para refletir sobre o contexto da ditadura militar que marcou a minha geração (Vieira, 2017, p. 295).

Interessante observar que para o autor foram os debates sobre questões políticas no convívio familiar, mais que necessariamente o “gosto” pela escola, a justificativa para a

construção da sua Carreira como docente de História da Educação no ensino superior. Contudo, antes de ingressar na graduação em Filosofia, Vieira havia cursado Educação Física, sendo este o curso escolhido inicialmente devido a sua aptidão para o esporte. Conforme indica sua narrativa, os títulos de mestre e doutor consistem em uma fase da vida que foi influenciada pelos aspectos da sua infância e juventude, porém a docência não significou uma predestinação.

Diante dessa análise não é possível dizer que a academia chegou por acaso na minha vida, contudo é notório que não foi o resultado de um plano meditado e executado em cada detalhe. As coisas foram acontecendo, em grande medida, a minha revelia.

[...]

Neste percurso assumi múltiplas identidades, nem sempre compatíveis entre si. Analisando retrospectivamente percebo que determinações do meu meio social e familiar foram decisivas, porém, identifico também a força do acaso, do imponderável, da rebeldia da realidade que faz da trajetória de vida algo imponderável (Vieira, 2017, p. 299).

O diálogo entre as considerações de Vieira (2017) e Bragança (2023), entre outros, aponta para a produção de Memoriais acadêmicos como narrativa que, articulando trajetórias de vida pessoal e profissional, permite expressar-nos como sujeitos produtores de nossas próprias narrativas. Além disso, propicia também investigar referências intelectuais e acadêmicas, percursos de pesquisas, aspectos sócio-históricos e políticos, individuais e também coletivos daqueles que compuseram e compõe a Carreira docente brasileira.

Na análise do percurso profissional no magistério na Educação básica, Andrade, Almeida e Silva (2019) apontam a desprofissionalização e o desprestígio da profissão docente, algo que pode ser evidenciado “pelos baixos salários, condições precárias nas escolas, lógicas de burocratização e controle” (Andrade; Almeida; Silva, 2019, apud Bragança p. 164).

Os mesmos autores propõem a construção de narrativas autobiográficas em que o docente se apresente como protagonista de sua prática como forma de resistência àquela realidade, “pois dessa maneira, poderemos apreender o processo profissional artesanal e astucioso que caracteriza a docência” (Idem, p. 164). Desse modo, segundo os autores, as narrativas autobiográficas proporcionam nossa inserção no núcleo da profissão, podendo fazer com que os posicionamentos e discursos passem a integrar as estratégias que movem as ações da docência fazendo frente àquela situação.

Nesse sentido, ao dialogar com António Nóvoa (2014), os autores destacam a “*teoria da personalidade inscrita na teoria da profissionalidade*” (Andrade; Almeida; Silva, 2019, p. 175), que consiste em reconhecer que a profissão não se desdobra apenas em termos técnicos ou pragmáticos, mas sim no conjunto composto pelas experiências da dimensão da vida pessoal,

desdobrada a partir das marcas de “classe, gênero, raça, orientação sexual e das identificações sociais e políticas” (Idem, p. 175). Assim, o ponto de convergência entre os autores mencionados refere-se ao fato de considerarem a Carreira docente como um movimento dialógico nas dimensões da vida pessoal e profissional.

Os Memoriais acadêmicos, marcados especialmente pelas narrativas das experiências que se desdobraram na dimensão pessoal e particular, permitem também intercambiar vivências significativas, que viabilizam assim a compreensão a respeito da complexidade humana e científica que marcam a atuação na carreira docente. Nas palavras Freitas e Souza (2009),

[...] experiência implica troca, a vida dos envolvidos é colocada em contato, discutida, recriada e reabsorvida individual e coletivamente. Nesse constante fluxo, a experiência do narrador e a do outro fundem-se e recriam-se. Verifica-se a apropriação das experiências por ambos (Freitas e Souza, 2009, p. 4).

Como já dito, a produção dos Memoriais como gênero narrativo autobiográfico tem apontado que sua escrita se revela como espaço capaz de promover aproximações entre o narrador e o leitor. Nesse sentido, o movimento narrativo de unir a prática docente com a reflexão sobre ela reconstrói teias de trajetórias pessoais no intercâmbio das experiências profissionais de quem narra, e que possibilita a sensibilização do público leitor quanto às questões que movem a atividade docente, as características da Carreira e a realidade da própria Universidade pública brasileira.

Partindo desses pressupostos, penso que a escrita do Memorial acadêmico pode ser compreendida também como um espaço para a mobilização de ideias e interlocuções que se fizeram e se fazem importantes para o desdobramento das trajetórias da docência na Universidade pública brasileira. Isso ocorre porque a escrita do Memorial é também uma escolha narrativa que converge para a continuidade da formação/atuação docente, que articula uma determinada autonomia a respeito da identidade acadêmico-profissional, mas também proporciona um momento de reflexão crítica sobre a própria prática docente de quem narra. Nesse sentido, estabelece-se aqui o diálogo com as ideias de Nascimento (2018), quando afirma que:

Além de suas dimensões pedagógica e científica, o memorial surge como agente importante na elaboração e construção identitária de sujeitos. Sua produção pode levar o narrador a um trabalho de identidade capaz de provocar mudanças em termos de atitudes, crenças, valores, ações, posicionamentos e reposicionamentos nas relações “eu-outro” (Nascimento, 2018, p. 265).

Portanto, ao narrar suas experiências, é possibilitado ao narrador o exercício de sua reconstrução identitária, percursos e trajetórias, o que evidencia assim a importância do Memorial como um gênero narrativo que contribui também para o exercício da autonomia acadêmica.

É certo que narrativas de trajetórias de vida nem sempre são vinculadas às “verdades teóricas”, não se inserindo assim na arena dos debates acadêmicos de determinadas áreas do conhecimento. Contudo, evidenciam vozes, experiências, saberes e práticas que por vezes não foram escutadas, mas que, entretanto, compõem e contribuem para a produção de um saber acadêmico que ultrapassa os muros dos academicismos tão comuns entre nós.

Nesse sentido, a escrita do memorial como gênero narrativo biográfico mostra-se também revelador das múltiplas e diversas identidades da Carreira docente nas Universidades públicas brasileiras, de modo que poderemos

entendê-las não somente como manifestação de uma individualidade, mas como vestígio de formas coletivas de vida, de mentalidades, socialização, valores e características grupais, entre outros aspectos, que as tornam privilegiadas fontes de informação (Silva, 2015, p. 107)

O Memorial acadêmico para fins de progressão na Carreira docente das Universidades públicas brasileiras, à medida em que revela trajetórias profissionais individuais, mas também coletivas de percursos acadêmicos vividos pelo docente candidato à progressão, como considera Rego (2014), ajuda-nos a conhecer também traços importantes relacionados à vida nas universidades, à formação de pesquisadores e linhas de pesquisa, percursos e carreiras de docentes no ensino superior. Sendo assim, e por tudo que já foi dito, arrisco dizer que a construção dos Memoriais acadêmicos, embora mobilizem lembranças que atribuirão significados para as experiências pessoais, as quais em muitos momentos antecedem a trajetória da carreira docente na universidade pública, aponta também para a construção de uma História pública da Carreira do Magistério superior e da própria Universidade pública brasileira.

Por fim, este Memorial descritivo está organizado em sete capítulos, além desta breve introdução e de algumas palavras finais. No capítulo primeiro, intitulado *ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: o fazer-se de um docente no mundo do trabalho no ABCD Paulista (1980 – 2000)*, faço uma rápida discussão sobre a Memória como fio condutor de minha narrativa, abrigo seguro para minha própria “escrita de si”. Trato de minha ida para São Paulo, ainda nos anos 1970, quando inicio meu percurso no mundo do trabalho, entre ludicidade, escola e o viver

em uma região “periférica” do ABCD paulista. Trago memórias sobre o trabalho e o tornar-me trabalhador no chão de fábrica daquela região naqueles anos.

No capítulo seguinte, de número 2, cujo título é *CAMINHOS DA FORMAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA, A AUTOCONSTRUÇÃO E O FAZER-SE DOCENTE DE UM TRABALHADOR*, abordo minha entrada no Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, a primeira moradia por meio da autoconstrução, minha atuação como professor na Rede pública do Estado de São Paulo e a aproximação da Associação dos Professores do Estado de São Paulo, a APEOESP. Ainda nesse capítulo, também trato de minha experiência como professor no Projeto Alquimia, do Sindicato dos químicos do ABCD, em um momento de reestruturação produtiva enfrentada pela categoria naqueles anos, bem como minha entrada no mestrado, e, alguns anos mais tarde, no doutorado no Programa de Pós-graduação da PUC-SP.

No capítulo 3, *O FAZER-SE DOCENTE NO MAGISTÉRIO SUPERIOR: entre Universidades privadas, a formação acadêmico-profissional e a gestão pública*, narro minha docência em universidades privadas, como no caso do Curso de História da Faculdade Don Domênico, litoral paulista, e na Universidade do Vale do Sapucaí, UNIVÁS, no sul de Minas Gerais. Também destaco os desafios da gestão pública participativa na minha primeira experiência de gestão educacional no Centro Educacional Unificado - CEU, na zona leste de São Paulo.

No capítulo seguinte, de número 4, cujo título é *A CARREIRA ACADÊMICA DE UM DOCENTE NO TRIPÉ ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA CONSTITUIÇÃO DE UMA UNIDADE ACADÊMICA E UM CAMPUS FORA DE SEDE*, trato do meu ingresso na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, e minha atuação na constituição do Campus do Pontal e da Faculdade Integrada do Pontal, a FACIP, resultado do processo da expansão da Universidade pública brasileira e de sua multicampia. Esse processo se deu juntamente a minha atuação em Linhas e Projetos de pesquisas nos Grupos de Estudos, bem como em publicações nas quais divulgamos seus resultados. Também relato o meu constituir como docente na sala de aula, agora no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, na busca por formar professores pesquisadores em História, preparados para o exercício do magistério e para a pesquisa como elemento formativo no fazer-se de um docente

O CONSTITUIR-SE DOCENTE: a docência e a gestão acadêmica é o título do capítulo 5, no qual narro minhas experiências na gestão na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Trato da minha coordenação do Curso de História do Pontal no momento de avaliação do Curso no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), na qual obteve nota

cinco (5). Também trago memórias de minha valiosa atuação frente à gestão do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID interdisciplinar, História e Pedagogia do Pontal. Por fim, retomo dados de minha constante atuação em Comissões e a atual tutoria do Programa de Educação Tutorial – PET História.

No capítulo 6, *A FORMAÇÃO DE UMA CARREIRA DOCENTE: entre ensino, pesquisa, extensão, gestão e participação no movimento docente organizado*, narro minha atuação também no Movimento docente organizado em profícuas discussões em torno da própria Carreira docente, Educação pública, Previdência, Meio Ambiente, financiamento da universidade pública, multicampia, entre tantas outras temáticas que muito contribuíram para o meu fazer-se como docente na carreira do magistério superior federal.

Em *O PÓS-DOC COMO PROCESSO DE AMADURECIMENTO NO FAZER-SE DOCENTE*, capítulo 7, revelo um importante momento de amadurecimento e reflexões acadêmicas acerca de minha trajetória na pesquisa, em diálogo com a extensão, na perspectiva de uma universidade socialmente referenciada por meio das opções temáticas e percursos teórico-metodológicos que fiz.

Nas palavras finais deste Memorial, faço uma espécie de retorno ao princípio, mas agora com a sensação gratificante do dever cumprido como possível articuladora entre trajetórias passadas e o porvir de um docente e de uma Carreira.

Por fim, entendo que cabe aqui algumas palavras sobre a metodologia adotada para este caminhar. Como já sinalizado, a opção da Memória como fio condutor desta narrativa deve-se ao seu entendimento como “porto seguro” para nossas reminiscências e lembranças, não como o lugar da “verdade histórica” e das temporalidades precisas dos acontecimentos, mas como campo que, embora inquietante e conflituoso, também é aconchegante e acolhedor, pois constitui-se como o melhor “lugar” para a nossa escrita de si.

Embora eu tenha tentado evitar uma narrativa cronológica, com encadeamento de acontecimentos cronologicamente organizados, fui por ela “seduzido” na medida em que minhas reminiscências também dela se nutriram. Disto isto, o relato que se segue é um misto de reminiscências afetivo-cronológicas de experiências passadas que, no presente, ganham novos sentidos e significados para uma trajetória que segue.

1. ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Como sabemos, o título que damos às nossas produções acadêmicas, embora geralmente atribuídos ou definidos apenas ao final da escrita, já anuncia ali os contornos, sentidos e percursos que faremos, sendo também este o caso deste Memorial descritivo. Logo, o título “*O fazer-se de um docente no magistério superior entre trajetórias de vida e o mundo do trabalho*” deve-se ao fato de que ele é o que melhor traduz minha trajetória acadêmico-profissional, mas também de vida, pois foi no mundo do trabalho que me constituí, e, em grande medida, ainda me constituo. Sendo assim, por meio da memória, tomo-o como fio condutor deste meu relato.

Embora certo de que a memória “é um laboratório oculto onde se dão, à nossa revelia, combinações inesperadas e arbitrárias, [e de que] é ilusório pensar que [a mesma] seja um depósito ou arquivo, nos quais ficam guardadas as recordações que podemos retirar e consultar como se reproduzissem exatamente os acontecimentos idos e vividos²”, tomo-a como um caminho profícuo para este caminhar. Assim, por meio de uma narrativa autobiográfica e da “escrita de si”, as páginas que se seguem, para além do relato de minha trajetória pessoal, é também certa “cartografia” de uma trajetória intelectual, acadêmica e profissional no mundo do trabalho, na busca por situar-se no gênero memorialístico que tem constituído estes Memoriais. É uma narrativa que pretende se ancorar na memória como “recurso de que dispomos para sentirmos a própria identidade e sabermos se ainda somos mesmo nós, na caudal do tempo que nos modifica sem cessar.”³

Logo, o relato que se segue será, antes de tudo, um exercício de volta às experiências vividas por meio da Memória, mas não da pretensa e enganosa memória cronológica e precisa dos acontecimentos narrados, mas, ao contrário, entendendo-a como

um olhar, um recorte entre muitos outros possíveis, que busca apreender e registrar, a posteriori, a complexidade de um ser humano, que sempre é múltiplo, dinâmico, composto pelas experiências vividas e imaginadas, pelas fantasias e projetos sonhados e realizados (Rego, 2014, p. 787).

² REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. Universidade de São Paulo, Butantã, SP, **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, 2014, p. 785.

³ Ibidem, p. 785.

Portanto, embora se trate da tentativa metódica, rigorosa e disciplinada de tentar repor, no presente, uma trajetória de vida, acadêmica e profissional, tenho clareza de que seu resultado será inevitavelmente perpassado por um mosaico polissêmico de lembranças e subjetividades, pois, como já afirmou Rego (2014),

assim como nenhuma pessoa cabe inteiramente em uma biografia, nenhuma biografia é definitiva. Ou seja, nenhuma narrativa de cunho autobiográfico será capaz de esgotar a labiríntica figura daquele que a escreve ou que a narra (Rego, 2014, p. 78).

Assim, e também me ancorando na literatura sobre a produção de Memórias acadêmicas, como analisado na introdução deste trabalho, para a qual não se separam currículo acadêmico e currículo de vida nas trajetórias dos sujeitos narradores, tenho clareza de que

o memorial só é possível a quem tem um passado acadêmico para contar, e só a esses deveria ser oferecido o acesso ao último degrau da carreira docente universitária (Soares, 2001, p. 15 *apud* Rego, 2012, p. 785).

Enfim, certo de que meu relato não revela uma História de vida em sua exatidão, se é que isto seria possível, e sim fragmentos de uma trajetória profissional de aproximadamente trinta anos no exercício do magistério entre Ensino básico e universitário, entre instituições públicas e privadas, início as primeiras linhas desta árdua, mas também prazerosa tarefa, entendendo-a, como já analisado, como intrinsecamente perpassada pelo próprio fazer-se do magistério público e da Carreira docente no Ensino superior brasileiro.

A literatura tem apontado que um Memorial acadêmico é um relato individual e subjetivo, entretanto, revelador de outros “eus” sociais, trajetórias e percursos também coletivos, portanto socialmente constitutivos de outros sujeitos.

Desse modo, os memoriais falam de cada um, mas também das aspirações de uma geração de estudantes, pesquisadores e profissionais. O estudo dos memoriais – como de outros textos (auto)biográficos – permite identificar a íntima, permanente e dialética relação existente entre o indivíduo, os “outros sociais” e a cultura (Vigotski, 2000; Wallon, 1975). Possibilita também perceber que o indivíduo sempre estabelece uma relação ativa com os outros sujeitos, com a realidade e com as condições de vida que se apresentam. Os relatos evidenciam que nenhuma história corre sozinha e que o sujeito não é determinado apenas pelas injunções e contingências de seu meio ou pelas grandes forças impessoais que são capazes de determinar o rumo das criações humanas. Ao contrário, eles deixam claro como os acontecimentos históricos cruciais de um tempo e lugar, traduzidos nos “discursos hegemônicos”, no “espírito de uma época” ou nos “emblemas de uma geração” se entrecruzam com fatos cotidianos enfrentados de modo singular por cada um dos depoentes e, principalmente, com a maneira imprevisível como esses acontecimentos afetam a vida de cada um, bem como os modos idiossincráticos que os indivíduos encontram ao lidar com os fatos e episódios vividos (Rego, 2012, p. 797).

Embora, como já pontou Rego (2012), os Memoriais se inscrevam e revelem trajetórias dialética entre os “eus” individuais e os outros sujeitos sociais com os quais nos relacionamos, Vieira (2017), ao refletir sobre a “escrita de si” presente na construção dos Memoriais, chama a atenção para a dificuldade de sua isenção acadêmica pelo fato de ser escrito na primeira pessoa do singular, dificultando, portanto, a imparcialidade da escrita e, mais que isso, podendo sinalizar para mitos de autorrepresentação. Para o autor,

os mitos auto representacionais seguem como possibilidade e, pior, em grande medida inacessíveis à consciência. Nessa chave de leitura, ninguém poderá ter plena segurança de quem é, das razões das suas decisões ou do propósito da sua vida. No máximo, se conduzidos por um/uma competente psicanalista, podemos formular hipóteses sobre quem somos, com um risco enorme de nos decepcionarmos profundamente, pois ao contrário de metas racionais e dos princípios éticos firmes, podemos encontrar, interpretando nossos atos falhos, sonhos e não ditos, sentimentos primitivos difíceis de serem expostos publicamente (Vieira, 2017, p. 293).

Sendo assim, cômico dos riscos que corro, certo estou de que o relato que se seguirá compõe fragmentos do campo da Memória, da narrativa e da minha “escrita de si”, portanto, dos processos que vivi, ações, projetos e atuações nos/as quais me envolvi, individual e coletivamente, seja no campo pessoal, profissional e acadêmico.

1.1. O fazer-se de um docente no mundo do trabalho no ABCD Paulista (1980 – 2000)

Há exatamente 24 anos, mais precisamente no ano de 2000, registrei nas primeiras páginas do que viria a ser em breve minha dissertação de mestrado⁴, que o meu envolvimento com o mundo do trabalho

vem fundamentalmente da minha condição de trabalhador e morador de longa data na região do ABC Paulista, aonde cheguei em 1973, e acompanhando, como morador, mas principalmente como trabalhador, algum tempo depois, os diversos momentos dos embates entre trabalhadores e os interesses da produção que aqui se travaram naqueles anos. Acompanhei, portanto, os momentos agudos da crise de empregos dos anos de 1981 a 1984, quase sempre na condição de desempregado, e os saques aos supermercados que dela resultaram, as grandes greves de toda a década de 80, com seus piquetes e toda a fértil movimentação política e sindical destes anos na região, que Eder Sader entendeu como a entrada de novos personagens em cena (Ferreira Filho, 2000, p. 11).

⁴ FERREIRA FILHO, Aurelino José. **TRABALHO, INSALUBRIDADE E RESISTÊNCIA. A Experiência dos Trabalhadores da Categoria Química do ABC Paulista (1984-1990)**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação da PUC-SP. São Paulo, 2000.

Ao citar a “entrada de novos personagens em cena”, o sociólogo Eder Sader (1988)⁵ refere-se ao momento em que, entre os anos de 1970 e 1980, diversos movimentos populares, por creches, água, moradia, contra a carestia, entre outros, em torno das Comunidade Eclesiais de Base, as CEBs⁶, forjaram novos sujeitos sociais na cena política da cidade de São Paulo e do ABCD paulista naqueles anos.

As décadas de 1970 e 1980 também foram marcadas pela migração de um importante contingente de “retirantes” nordestinos, agregados sem terras, que, vivendo de seca em seca, migravam para a “cidade grande” à procura de melhores condições de vida como “peões” nas fábricas ou na construção civil naqueles anos. Aquela também foi a trajetória de minha família, que para São Paulo migrou em 1973, quando eu tinha sete anos de idade.

Alguns anos mais tarde, com a dedicação de meus pais para que eu e meus irmãos frequentássemos a Escola, percebi que a Educação seria a única oportunidade de romper com aquele ciclo de pobreza. Entretanto, o percurso formativo entre o Ensino básico e a graduação muito cedo se mostrou difícil para a criança que precisava ganhar algum dinheiro no trabalho informal entre feiras, o comércio do bairro e a Escola, embora nunca perdendo a ludicidade das brincadeiras de rua que um bairro “periférico” podia proporcionar.

Assim, inspirado livremente em *“Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”*, de E. P. Thompson⁷, hoje percebo que naquele momento o tempo do trabalho era perpassado pelo tempo do brincar, da Escola e da ludicidade na favela do Jardim Marilene, em que eu morava na cidade de Diadema, no Grande ABCD paulista, à época, uma das cidades mais violentas do Brasil. Entretanto, esta realidade colocava também o desafio do convívio entre a ludicidade da infância e diversas formas de violências, veladas ou não, às vezes até silenciosas, mas nunca sem delas nos esquecer, presentes, por exemplo, na clássica fala de meu pai: “se sair sem Carteira de trabalho registrada, a ROTA⁸ leva”. Tratava-se da violência policial que, hoje compreendo, era e, em grande medida, ainda é consequência direta da ditadura civil-empresarial-militar em que o Brasil vivia naquele momento, resultante do golpe de 1964.

⁵ SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram Em Cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

⁶ As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros.

⁷ THOMPSON, E. P. **Costumes em Comuns**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁸ O batalhão Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA) foi criado na década de 1970 no contexto da ditadura militar brasileira com o objetivo de combater ações urbanas da extrema-esquerda armada durante o Regime Militar, e ainda hoje é considerada a tropa de elite da Polícia Militar de São Paulo. Este batalhão se caracterizou naqueles anos e até os dias de hoje pela extrema violência com que agia e pelo número de mortes que causam em suas ações repressivas.

Também acompanhei, alguns anos mais tarde, embora sem a compreensão exata de suas dimensões, o movimento das “Diretas Já” de 1984, que, como hoje sabemos, marcou o início do ainda incompleto e inconcluso processo da abertura democrática brasileira.

Portanto, o tornar-me trabalhador naquele momento, já na vivência da pujança dos movimentos sindicais e sua vigorosa movimentação operária nas fábricas da região do ABCD paulista, algumas das quais neste momento já me encontrava como operário, marcou profundamente minha trajetória de vida, pessoal, intelectual e acadêmica, e muito contribuiu para o docente que aos poucos tenho me tornado.

2. CAMINHOS DA FORMAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA, A AUTOCONSTRUÇÃO E O FAZER-SE DOCENTE DE UM TRABALHADOR

2.1. O Curso de História da PUC-SP

O meu ingresso no mundo acadêmico foi tardio para os padrões atuais. Com 26 anos, em 1992, iniciei a graduação em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, concluindo-a seis anos depois, em 1997. Foram anos desafiadores para um jovem trabalhador, morador do ABCD paulista e estudando em um curso noturno na zona oeste de São Paulo, mas para quem o ingresso em uma universidade representava a possibilidade de caminhos mais promissores.

A Universidade pública brasileira naqueles anos, e até muito recentemente, era uma possibilidade muito distante para os filhos da classe trabalhadora, e as Instituições particulares de Ensino, por sua vez, com suas altas mensalidades, também se apresentavam como uma realidade impossível. Entretanto, a PUC-SP, nos anos 1990, ainda apresentava formas de financiamentos estudantis possíveis para que jovens trabalhadores como eu ingressassem em um curso de graduação.

Assim, ingressei no Curso de História daquela instituição não apenas pela coerência com minha trajetória de vida, mas também porque, muito cedo, as famílias pobres ensinavam aos seus filhos os limites dos próprios sonhos. Isso, porque algumas áreas como engenharias, direito, medicina, entre outras, a eles não estavam destinadas, muito menos em uma Universidade pública.

Aos poucos minha trajetória de vida, de trabalho e formativa, vividas como trabalhador no “chão de fábrica” do ABC paulista, e agora também como estudante do Curso de História

da PUC-SP, iam se constituindo no sentido thompsoniano do termo, ao considerar que a Classe operária se fez, e se faz, na sua própria experiência⁹.

2.2. O ingresso como Educador na Secretaria do Menor do Estado de São Paulo

A entrada em um curso superior me possibilitou, no ano de 1991, o ingresso como Educador na então Secretaria do Menor, criada em 1987 no governo de Orestes Quécia, no bojo das discussões e movimento em torno da criação do próprio Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, aprovado em 1990. Tal Secretaria pretendia substituir as então vigentes políticas violentas e autoritárias, de cunho assistencialista-repressora de atendimento às crianças e aos adolescentes, implantadas até então pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM, criada em 1964.

Na busca por instituir um paradigma “humanista, de garantia de direitos”¹⁰ em relação ao atendimento às crianças e aos adolescentes em situação de violência e/ou vulnerabilidade social, e na priorização das políticas públicas em diversas áreas socioeducacionais, desde Creche a Abrigos para crianças e/ou adolescentes, a Secretaria do Menor prestava atendimento a diversos e diferentes graus de acolhimento para aquela população da cidade de São Paulo naqueles anos. Sendo assim, até o ano de 1994 trabalhei como Educador em alguns Programas daquela Secretaria.

Desta experiência, destaco a instigante, porém não menos conflituosa e desafiadora, vivência com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, e, quase sempre, também de violência, nas quais buscávamos, por meio de relações respeitadas, democráticas e dialógicas, a garantia de seus direitos conforme preconiza o próprio ECA.

2.3. A autoconstrução da primeira moradia

Em 1993, nascia meu primeiro filho, João, o que colocava a necessidade da casa própria. Naqueles anos, a autoconstrução por meio de mutirões e ajuda mútua¹¹ se apresentava

⁹ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

¹⁰ Conforme diversos documentos produzidos por aquela Secretaria de Estado à época.

¹¹ “A autoconstrução, o mutirão, a autoajuda, a ajuda mútua são termos usados para designar um processo de trabalho calcado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores, nos compromissos familiares, diferenciando-se, portanto, das relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho.” (Maricato, 1979, p. 71).

como a única possibilidade para que a classe trabalhadora pobre conseguisse suas moradias. Esta forma de organização popular, estruturada geralmente em torno das Comunidades eclesiais de base (CEBs), entre os anos 1970 e 1990, rompia com as lógicas capitalistas da especulação imobiliárias nos grandes centros urbanos naqueles anos.

Para Maricato (1979),

a autoconstrução, o mutirão, a autoajuda, a ajuda mútua são termos usados para designar um processo de trabalho calcado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores, nos compromissos familiares, diferenciando-se, portanto, das relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho” (Maricato, 1979, p. 71 apud Ferreira, 2020).

Assim, a casa da Rua Olga Benário¹², n. 7, em uma área sem regularização fundiária na cidade de São Bernardo do Campo – SP, foi erguida por meio de mutirões entre amigos e familiares aos finais de semana *paripassu* aos meus primeiros estudos teóricos, já como aluno de História da PUC-SP, sobre esta prática popular tão importante para aquisição da moradia por parte das camadas trabalhadora pobre naqueles anos.

Entre as aulas na universidade, leituras e a construção da própria moradia, tomei conhecimento de obras como *Habitação e Autoconstrução: Construindo Territórios de Utopia* (1992)¹³ de Nabil Bonduki e *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial* (1979)¹⁴, de Ermínia Maricato, entre outras que me levaram a perceber a intrínseca relação entre práticas populares, como a da autoconstrução, e discussões teóricas a elas atinentes no universo acadêmico daqueles anos.

Assim, no profícuo diálogo com professoras e professores, colegas das turmas do Curso de História, leituras e trabalhos acadêmicos, juntamente à autoconstrução da própria moradia, cunhavam-se sonhos, possibilidades e perspectivas que ainda não se apresentavam claramente para um jovem, pai e estudante universitário de classe trabalhadora daqueles anos.

2.4. O Mestrado no Programa de Pós-graduação em História Social da PUC-SP

¹² O nome da rua foi escolhido deliberada e coletivamente para homenagear a militante comunista alemã Olga Gutmann Benário Prestes, extraditada para a Alemanha nazista pelo governo de Getúlio Vargas em 1942.

¹³ BONDUKI, N. G. **Habitação e Autoconstrução: Construindo Territórios de Utopia**. Rio de Janeiro: FASE, 1992.

¹⁴ MARICATO, E. **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2ª ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

No ano de 1999, ingressei no mestrado do Programa de Pós-graduação em História Social da PUC-SP. Meus contatos com leituras do e sobre o mundo do trabalho, bem como a convivência anterior com os trabalhadores no chão de fábrica, nas suas instâncias de mobilização e organização, fizeram-se fundamentais para a definição do meu tema de pesquisa no mestrado.

Investigar os trabalhadores da categoria química no ABCD Paulista foi determinante para todo meu percurso formativo e acadêmico-profissional. Pude aprender sobre suas lutas contra a insalubridade, a periculosidade, o adoecimento nos locais de trabalho e suas formas de organizações nos anos de 1980, na perspectiva da construção de novas práticas sindicais, novas questões e resistências a partir de questionamentos que se gestavam nos interiores dos locais de trabalho, entre táticas e resistências, como já disse Certeau.¹⁵

No Eixo temático “História e Cultura”, no trânsito entre Linhas de Pesquisa como *Cultura e Cidade*, *Cultura e Representação*, *Cultura e Trabalho*, e em diálogo com as professoras doutoras Maria do Rosário Peixoto, Heloisa Faria Cruz, Olga Brites e Antonieta Anatocci, entre outras docentes do PPG em História Social da PUC-SP¹⁶, compreendi, como já nos ensinou Thompson,¹⁷ Raymond Willians,¹⁸ Peter Burke,¹⁹ entre outros, que o fazer-se da classe trabalhadora se deu, e se dá, a partir de suas experiências laborais, mas também culturais, políticas e sociais, nas suas instâncias formativas e organizativas, mas, sobretudo, no fazer-se como sujeitos de suas próprias experiências.

Assim, depois de muitas leituras, seminários e orientações nas disciplinas que compunham aquele Programa, minha pesquisa de mestrado definiu-se com o tema *Trabalho e Resistências: os trabalhadores da Categoria Química do ABC Paulista*. Ela teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, e foi defendida em 2001, sob a orientação da Professora Dra. Maria do Rosário Peixoto, a quem sou extremamente grato pelos ensinamentos, paciência e dedicação.

Neste sentido, Rego (2012) destaca, entre outros aspectos que marcam a confecção dos Memoriais acadêmicos, a importância da escola, e, acrescento eu, da nossa formação como um

¹⁵ CERTEAU, Michel de. **Invenção do Cotidiano**. Vol. 1: Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2014

¹⁶ Como já apontou Rego (2012), simultaneamente, os memoriais permitem entrever como esses professores foram importantes para sua geração e para seu grupo de orientandos (Rego, 2012, p. 796-797).

¹⁷ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

¹⁹ BURKE, Peter. **A Escrita da História** – Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

todo, uma vez que auxiliam a lembrar o quanto, e de que maneira, alguns(as) professores(as) marcaram a formação dos autores dos relatos memoriais (Rego, 2012, p. 796-797).

2.5. O Projeto Alquimia

O ingresso no mestrado, por sua vez, também me abriu novas perspectivas formativas, de trabalho e de atuação docente. Assim, no ano de 2001, agora pai de meu segundo filho, Heitor, que nasceu em 2000, ingressei como professor no *Projeto Alquimia*²⁰, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas do ABCD²¹. Este projeto se destinava à requalificação dos trabalhadores químicos daquela região paulista frente à reestruturação produtiva resultante das grandes alterações no mundo trabalho daqueles anos, decorrentes, por sua vez, das mudanças nos padrões tecnológicos em diversos ramos da indústria.

Desde os anos 1990, esta reestruturação causava uma vertiginosa redução de postos de trabalho e, conseqüentemente, o aumento das taxas de desemprego e a imposição da permanente requalificação por parte do trabalhador, sob pena da perda de seus empregos. Portanto, a troca de informações, experiências e impressões com aqueles trabalhadores da categoria química do ABCD, agora também em sala de aula, foi extremamente importante e formativa não só para minha pesquisa e dissertação de mestrado, mas também para minha trajetória de vida, acadêmica e profissional.

3.6. O Magistério na Rede pública do Estado de São Paulo

No ano de 2002, por meio de Concurso público, ingressei como professor na rede pública estadual do Estado de São Paulo, e até 2007 convivi com o rico, mas também conflituoso e desafiante exercício do magistério em escolas das cidades de Diadema e São Bernardo do Campo no Grande ABCD. A experiência da sala de aula no Ensino fundamental da rede pública de São Paulo, na atuação com aulas para “jovens de periferias”, apresentava o instigante e muitas vezes desanimador desafio de atribuir à Educação, ao Ensino, e à própria Escola pública sentidos e significados nas vidas daqueles jovens para além das duras realidades por eles vividas. Entretanto, os anos como professor de História da rede pública estadual

²⁰ Curso destinado a trabalhadores empregados nas empresas de transformação de materiais plásticos da região, desempregados e jovens à procura do primeiro emprego.

²¹ Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas do ABCD Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

paulista me trouxeram a certeza de que a Educação e o Ensino público podem fazer a diferença para jovens que, como eu, filhos de trabalhadores pobres, não teriam outras oportunidades de caminhos mais promissores.

Uma vez professor da rede estadual de Ensino público do Estado de São Paulo, em diferentes momentos, logo me aproximei do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - APEOESP, e, sempre que possível, na condição de representante de Escolas, buscava atualizar meus(as) colegas de trabalho com materiais e discussões relativas às questões ligadas às condições de trabalho, Carreira e campanhas salariais na Educação.

Neste sentido, importante também lembrar minha gratificante experiência do Curso de Formação Continuada para professores da Rede Oficial de Ensino de São Paulo, por mim ministrado para os Professores de História de Educação Básica II, com duração de 30 horas, no Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP, no ano de 2003.

Tais experiências e a compreensão da importância da participação nas instâncias de representação e de participação coletiva da categoria teve para mim um enorme valor formativo, contribuíram muito cedo para o docente que aos poucos me tornava, e me permitiram entender como indissociáveis as dimensões acadêmicas, profissionais e organizativas da categoria docente.

2.7 O ingresso no Doutorado

Os anos de 2002 a 2007 marcaram meu ingresso e conclusão de doutoramento também em História social no Programa de Pós-Graduação da PUC-SP. Agora, depois de vários percursos acadêmicos, e em contato com outras Linhas de Pesquisas, já não mais me ocupei dos trabalhadores talvez um pouco plasmados em seus locais de trabalho e instâncias organizativas. Embora ainda pensando a classe trabalhadora e o mundo do trabalho, interessava-me agora os diversos sujeitos, não mais apenas de forma organizada em suas organizações sindicais por melhores condições de trabalho e salários, me dedicava neste momento a entender seu constituir-se como sujeitos, nas suas lutas, mas também no campo das suas representações, subjetividades, memórias e narrativas, portanto, em outras dimensões da vida e do seu fazer-se trabalhador.

Desta forma, diferentes espaços, que não mais apenas a fábrica e os locais de trabalho, os trabalhadores e suas organizações sindicais, mas também os diferentes sujeitos, nas suas

mais diversas formas de atuações e representações; identidades e culturas híbridas, plásticas e polissêmicas, como já nos ensinaram Stuart Hall,²² Canclini²³ e Sarlo²⁴, ganhavam visibilidade e espaços no meu percurso acadêmico. Novos sujeitos, agora no plural e no feminino, mulheres, jovens, índios, negros, ciganos, entre tantos outros e outras, em suas múltiplas e variadas experiências e formas de expressões, “entravam em cena”. Também novas fontes²⁵ e novas temáticas se apresentavam, entre elas o campo, a cidade²⁶ e sua diversidade, o patrimônio, a música, o teatro e as artes plásticas e visuais. Enfim, a Cultura em suas diversas formas de expressões, linguagens, narrativas e representações se colocavam como novas possibilidades de pesquisas naquele momento.

Algumas disciplinas, principalmente Cultura e trabalho, enfatizou o deslocamento dos estudos sobre o trabalho como categoria abstrata para a produção de pesquisas relativas às práticas de trabalhadores, problematizando experiências sociais de homens, mulheres, jovens, migrantes, entre outros sujeitos até então ausentes. Destacando-se processos de urbanização e modos de viver, a relação trabalho/campo/cidade, a industrialização e a formação do mercado de trabalho, assim como as diversas formas de sobrevivência de trabalhadores e trabalhadoras frente às dificuldades impostas por novas formas de organização e das relações de trabalho (Ferreira Filho, 2007, p. 10).

Naquele profícuo e polissêmico universo, mas sem perder o mundo do trabalho como referência identitária, percurso formativo e de pesquisa, novas disciplinas cursadas, leituras, Seminários e orientações com a Profa. Dra. Maria do Rosário Peixoto, me defini por pesquisar as vidas de velhos²⁷ curtumeiros na cidade de Franca, interior de São Paulo, entre anos de 1940 e 1980.

Interessava-nos conhecer como aqueles velhos trabalhadores, curtumeiros, presenciaram, perceberam, apreenderam e sentiram os impactos de ver seus saberes, formas de fazer, seu domínio e conhecimentos de trabalho adquiridos ao longo de anos de experiência laboral nos curtumes da cidade de Franca, além deles próprios serem substituídos por novos

²² HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

²³ Canclini, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

²⁴ SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias. Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997.

²⁵ CARDOS, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo Vainfas (Org.) **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

²⁶ WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. por Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

²⁷ No sentido atribuído ao termo “velhos” por Ecléa Bosi em: **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo. Cia. das Letras, 1979.

tecnologias, resultado da reestruturação tecnológica e produtiva nas indústrias curtumeiras da região naqueles anos. Interessava-me, portanto, saber como esta experiência, a última de suas experiências de trabalho, os impactara nas diversas dimensões de suas vidas profissionais e subjetivas e na relação com o mundo do trabalho naqueles anos.

Assim, em 2007, defendi no PPG da PUC-SP a tese de doutoramento em História Social com título, *Trabalho e Experiência: os velhos curtumeiros da cidade de Franca 1940 - 1980*, também sob orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto e ainda com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

3. O FAZER-SE DOCENTE NO MAGISTÉRIO SUPERIOR ENTRE UNIVERSIDADE PRIVADAS, A FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL E A GESTÃO PÚBLICA

3.1 A Faculdade Don Domênico

Antes de ingressar na carreira acadêmica como docente em uma universidade pública, experimentei também os desafios e a valiosa aprendizagem da docência em faculdades privadas do Estado de São Paulo e de Minas Gerais. Assim, durante três gratificantes anos, entre 2001 e

2004, *paripassu* ao doutoramento na PUC-SP, me dividindo entre cursar as disciplinas do doutorado e a docência, também me dediquei quase diariamente, ao Curso de História da Faculdade Don Domênico²⁸, instituição educacional mantida pela Igreja Católica na cidade de Guarujá, litoral paulista.

Deste rico período de minha vida profissional e formativa, destaco o convívio com jovens caixaras, trabalhadores(as) dos mais diversos ramos, esperançosos(as) de que a formação superior em um curso noturno de licenciatura em História lhes proporcionasse melhorias em suas vidas profissionais. Isso significava, para a grande maioria, a possibilidade de deixar seus empregos no comércio, como autônomos, ou prestadores de serviços das mais diversas ordens, entre outras poucas possibilidades de empregos locais, inserindo-se no magistério das redes públicas e privadas da região.

3.2 A Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS

Entre os anos de 2005 e 2008, ao mesmo tempo em que defendia minha tese de doutoramento na PUC-SP, também ministrei aulas no Curso de História da Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS²⁹, localizada no município de Pouso Alegre, sul de Minas Gerais. Esta experiência foi igualmente rica pelo fato de que aquele Curso noturno de História também representava para muitos(as) alunos(as) daquele Curso a possibilidade do magistério nas redes públicas ou privadas, e a chance de eles deixarem o árduo trabalho nas pequenas ou grandes lavouras de morango, na produção de leite, de polvilho e, em alguns casos, até mesmo na fabricação de gesso, principais atividades produtivas na região naqueles anos, o que acenava à eles para a possibilidade de uma vida melhor também na Educação.

Assim, ao mesmo tempo em que construía minha trajetória acadêmica no magistério superior, tomava consciência de que a trajetória dos jovens estudantes daquelas faculdades privadas, que buscavam melhores condições de vida por meio da Educação, não era outra senão também a minha. Com base em Miguel Arroio,³⁰ arrisco pensar que as nossas realidades, minhas e de meus alunos à época, expressavam um traço comum e marcante da história da Educação pública no Brasil, ou seja, o expressivo ingresso de professores(as) oriundos(a) das

²⁸ Atual Centro Universitário Don Domênico – UNIDOM. Situado na Av. Dr. Arthur da Costa Filho, 20, Vila Maia, Guarujá – SP.

²⁹ Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), localizada na Av. Cel. Alfredo Custódio de Paula, 320 - Pouso Alegre, MG.

³⁰ ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

classes trabalhadoras no Magistério público, resultado de processos de universalização da Educação pública brasileira naqueles anos.

3.3 O Centro Educacional Unificado – CEU Aricanduva

Os anos de 2004 e 2005 foram extremamente ricos e desafiadores em minha formação e atuação profissional também no campo da Gestão educacional, pois, paralelamente à docência na Faculdade Don Domênico e o doutoramento, naqueles mesmos anos experimentei também a atuação na gestão pública municipal, ocupando o cargo e a função de Coordenador Educacional em um dos mais importantes Programas educacionais da gestão de Marta Suplicy (2001-2005), pelo Partido dos Trabalhadores, na cidade de São Paulo.

Tratava-se dos Centros Educacionais Unificados – CEUs,³¹. Num total de 21 unidades naqueles anos, estavam distribuídos principalmente entre as regiões ditas “periféricas” da cidade de São Paulo. Eram vigorosos equipamentos públicos educacionais que contavam com um Centro de Educação Infantil (CEI) para crianças de 0 a 3 anos de idade; uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) para alunos de 4 a 6 anos; e uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF), que também ofereciam Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta também era a estrutura do CEU localizado no bairro Aricanduva, na zona leste da cidade, no qual trabalhei naqueles anos.

Estes equipamentos, além das já citadas modalidades de Ensino, também estavam equipados com quadras poliesportivas, piscinas e cineteatros. Assim, mantinham rica e variada programação de lazer, esportes e cultura aos moradores das comunidades nas quais se encontravam inseridos.

Inspirados em Anísio Teixeira e nos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), projeto educacional de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro, e com implantação inicial no estado do Rio de Janeiro ao longo dos dois governos de Leonel Brizola (1983 – 1987 e 1991 – 1994), também os CEUs ofereciam ensino público de qualidade em período integral aos alunos da rede municipal da cidade de São Paulo e, como já dito, lazer, arte e cultura às comunidades envolventes. Muito me orgulho por ter contribuído com tal experiência.

Minha atuação como um dos coordenadores educacionais do CEU Aricanduva, como já mencionado, situado no bairro com o mesmo nome na zona leste da cidade de São Paulo, me

³¹ CEU Aricanduva é um dos Centros Educacionais Unificados - Prefeitura da Cidade de São Paulo. Aricanduva, altura 5825. Zona Leste – SP.

proporcionou a vivência com muitos jovens e suas diversas e ricas manifestações culturais, como o Rap, o Grafite e o break, entres outras formas de expressões conhecidas como Hip Hop, importante forma de atuação dos(as) “jovens de periferias” naquele momento.

No CEU Aricanduva, como era chamado aquele equipamento educacional, experimentei situações de valiosas aprendizagens na convivência com jovens para os quais a vida nos bairros com poucos equipamentos públicos, onde a violência era uma regra, a Arte e a Cultura tornavam-se potentes possibilidades de subversão de suas duras realidades.

Estes foram anos fundamentais para meu trajeto na Gestão pública, pois compondo a linha de frente de um importante aparelho educacional, na condição de um de seus coordenadores, na relação com a educação infantil e básica, em diálogo e com muito aprendizado com professoras e diretoras escolares das escolas que compunham aquele equipamento público, experienciei as aprendizagens, os conflitos e os desafios próprios da gestão educacional. Eram questões próprias da gestão de um equipamento público de excelência em educação, esporte e cultura, considerado modelo para o Ensino público municipal, mas que, entretanto, sofria muitas críticas por atender apenas a um pequeno percentual da demanda escolar reprimida da cidade de São Paulo naqueles anos.

Soma-se a esta questão o fato de que naquele momento o município de São Paulo ainda mantinha algumas escolas funcionando em contêiners em algumas regiões “periféricas” da cidade, as chamadas pejorativamente de “escolas de lata”, herança de gestões anteriores, mas também não solucionada naquele governo.

Igualmente instigante foi o desafio da gestão pública democrática e participativa que se buscava desenvolver nos Centros Unificados da cidade de São Paulo à época, o que, naturalmente, gerava conflitos e tensões próprios desta forma de gestão. Assim, ao mesmo tempo em que se incentivava a autonomia e a participação da comunidade usuária na gestão daquele equipamento, os desafios e os limites desta forma de gestão se faziam presentes na relação direta com a comunidade, sobretudo se tratando da necessária definição de papeis e responsabilidades entre os entes envolvidos, ou seja, Comunidade e Gestores à frente da gestão de um bem público.

Assim, questões atinentes, por exemplo, às regras para usos adequados dos aparelhos e equipamentos daquele CEU, como quadras, cineteatro e, principalmente, piscinas, quase sempre causavam conflitos no cotidiano da sua gestão na relação com a comunidade. Neste sentido, a maior dificuldade era convencer a quem pouco tinha, em termos de cultura, arte, esporte e lazer, que aquele Equipamento, embora público, portanto, da comunidade, também

tinha suas limitações e necessidades de restrições, de forma a garantir seus usos adequados, sua preservação e/ou manutenção adequadas, além da segurança dos próprios usuários.

Embora pareça natural que procedimentos naquele sentido fossem adotados, sendo mesmo esta a responsabilidade e o dever do gestor público, ocorria que aqueles Centros Educacionais Unificados, embora de fato muito qualificados e equipados, naturalmente apresentavam limites de capacidade de atendimento, agravado pelo fato de estar localizado em um bairro “periférico” da Zona Leste de São Paulo, o bairro Aricanduva, densamente povoado, e à época com muita demanda reprimida por lazer, esporte, arte e cultura.

Portanto, como era de se esperar, tal realidade exigia um constante diálogo com a comunidade envolvente no sentido de lhe garantir o acesso com qualidade, mas também com segurança, ao Equipamento público, ao mesmo tempo em que se buscava fazer uma gestão democrática e participativa, e construía diálogos no sentido não se confundir os papéis, deveres e responsabilidade entre comunidade e entes públicos em uma gestão participativa.

4. A CARREIRA ACADÊMICA DE UM DOCENTE NO TRIPÉ ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA CONSTITUIÇÃO DE UMA UNIDADE ACADÊMICA E UM CAMPUS FORA DE SEDE

Alguém desavisado do fazer-se da e na Carreira docente do magistério superior poderia pensar que neste momento de nossa vida profissional, na qual passamos a nos dedicar exclusivamente ao magistério superior, há que se fazer tábula rasa em relação às experiências e trajetórias anteriores. Ledo engano, pois assim que tomamos posse em uma Instituição Federal do Ensino superior (IFES), também tomamos conhecimento da importância do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo necessário acrescentar a ele também a Gestão.

Então percebemos o quanto nossa trajetória pregressa, nosso Currículo de vida, portanto, também é muito importante e significativo nesta nova jornada profissional e para a construção e consolidação da própria Carreira do magistério superior e para a própria Universidade pública brasileira, uma vez que,

fazer uma tese cujo objeto é a própria vida acadêmica (pois isto é o memorial) obriga o professor universitário a ultrapassar o que fez, em sua vida acadêmica, para determinar por que fez, para que fez e como fez; ou seja: além da enumeração, que está em seu Curriculum Vitae, a análise, a crítica, a justificativa (Soares, 2001, p. 15 apud Rego, 2012, p. 785).

Assim, no ano de 2008 prestei o Concurso Público de Provas e Títulos para Preenchimento de Vagas de professor da Carreira do Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, área de concentração Teoria e Metodologia da História, exigência em Graduação, Mestrado e Doutorado em História, com jornada de trabalho de 40 horas semanais, Regime de Dedicção Exclusiva (DE), no qual fui aprovado e, em 11 de maio de 2008, ingressei no Curso de História do Campus Pontal desta universidade.

4.1. O Campus Pontal e a Faculdade Integrada do Pontal – FACIP

O meu fazer-se como docente em uma Instituição de Ensino superior se deu *paripassu* à própria constituição da Faculdade Integrada do Pontal, a FACIP, e do Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, situado na cidade de Ituiutaba-MG. Era a única unidade acadêmica do Campus Pontal até o ano de 2018, quando se desmembrou em três outras: Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social –

FACES, o Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal – ICENP e o Instituto de Ciências Humanas do Pontal – ICHPO, do qual faço parte.

Daquele período destaco o rico convívio e as possibilidades de trocas em uma única Unidade acadêmica composta por onze cursos e tantos colegas docentes oriundos de diversas áreas do conhecimento, vindos de distintas experiências formativas e profissionais. Isso proporcionou um rico e valioso convívio acadêmico no qual a pluralidade de ideias, de pensamento e de posições formava um caldo cultural no qual se dava, entre outras, ricas discussões sobre a Expansão universitária por meio de seu processo de multicampia, e a própria interiorização da Universidade pública brasileira naquele momento.

Portanto, entre participação nas diversas Comissões destinadas à constituição do Campus do Pontal e da FACIP, participações em seus Conselhos, entrelaçadas a Projetos de extensão, de Pesquisa e aulas para as turmas do Curso de História, inicialmente diurno e noturno, iniciava minha trajetória na Carreira do Magistério Superior.

O Campus do Pontal e sua primeira Unidade Acadêmica, a Faculdades Integradas do Pontal – FACIP, são resultados da política de expansão universitária, por meio de sua interiorização, iniciada pelo governo federal entre os anos de 2003 e 2006. Nestes anos, ampliou-se a Universidade pública brasileira para os interiores do país por meio da criação de novas Instituições Federais de Ensino (IFES) e de Campi fora de sede nas já existentes. Visava-se, assim, ampliar o acesso à educação superior pública, gratuita e de qualidade a uma parcela da população fora do eixo Sul-Sudeste.

Aquele processo foi viabilizado também, já em um segundo momento, por meio da criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI), criado no ano de 2007, o que possibilitou pela primeira vez na história do Brasil a entrada na universidade pública de uma parcela da população brasileira que, de outra forma, dificilmente teria acesso à formação superior.

Destaca-se também que este mesmo processo de expansão e interiorização da Universidade pública brasileira criou, por meio de Concursos públicos, um número significativo de Cargos e vagas para docentes na Carreira do magistério superior naqueles mesmos anos. Sendo assim, a minha primeira entrada na Universidade pública, agora como docente, é resultado de um Projeto que, ao interiorizar a universidade, na ampliação de seu acesso, também possibilitou que sujeitos com trajetórias de vida, formativas e profissionais como a minha, vindo da Escola pública e das classes trabalhadoras, também nele ingressassem. Sou imensamente grato e orgulhoso por ter me inserido neste projeto e para ele contribuir.

Assim, minha entrada na Carreira docente se deu neste rico e desafiante processo de criação e constituição deste Campus fora de sede, no qual tudo ainda estava literalmente por fazer. Particpei de Comissões destinadas desde a acompanhar as obras de sua construção, relativas à distribuição de seus espaços físicos como sala de aulas, laboratórios e ambientes administrativos entre seus Cursos e setores meios a Comissões destinadas à criação de seu próprio Regimento interno, bem como de seus Conselhos.

4.2 O tripé Ensino, Pesquisa e Extensão

Assim que assumi meu cargo de docente na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, me assanhorei do Tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, e, mesmo que ainda me assenhoreando das estruturas da Universidade pública brasileira, logo entendi que

de acordo com a legislação, o tripé formado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão constitui o eixo fundamental da Universidade brasileira e não pode ser compartimentado. O artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988 dispõe que “as universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Equiparadas, essas funções básicas merecem igualdade em tratamento por parte das instituições de ensino superior, que, do contrário, violarão o preceito legal (Andrade; Moita, 2009, p. 269).

Portanto, embora compreendendo seus desafios e dificuldades em um universo no qual também somos cobrados por outras demandas diárias, com rebatimentos nas diversas formas de avaliações às quais somos submetidos constantemente, a ele me dediquei ao longo de minha trajetória acadêmico-profissional.

Praticar o tripé Ensino, Pesquisa, Extensão, e, acresmento, Gestão, para além de dedicação exclusiva, exige a compreensão de seus complexos significados.

Assim, se considerados apenas em relações duais, a articulação entre o ensino e a extensão aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, ganha-se terreno em frentes como a tecnologia, por exemplo, mas se incorre no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade). Enfim, quando a (com frequência esquecida) articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade (Cordeiro; Andrade, 2009, p. 269).

Compreendo que o desafio colocado pelos autores acima citados, que não é outro senão o próprio Tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, se resolve na concepção de Universidade pública

socialmente referenciada, ou seja, com participação ampla e democrática da sociedade e da comunidade envolvente em seus espaços consultivos e deliberativos atinentes ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão.

Esta concepção de Universidade, como já dito, socialmente referenciada por interagir e contribuir com a sociedade na qual se insere, inclusive com o debate sobre a própria Educação pública brasileira, a qual sempre me dediquei, possibilitou que eu acompanhasse de perto e participasse sempre que possível, por exemplo, dos importantes debates, ainda em aberto, atinentes à Base Nacional Comum Curricular - BNCC³² e ao Novo Ensino Médio³³, entre outras importantes pautas educacionais com rebatimentos e impactos diretos na Universidade pública brasileira.

4.3 A sala de aula como elemento formativo no fazer-se de um docente em um campus fora de sede

Sem deixar de me dedicar à pesquisa, à extensão e à gestão, como não poderia deixar de ser, também me concentrei no Ensino, ou seja, exercício da docência propriamente dito, como ofício de fundamental importância no fazer-se de um docente. Isso, não só por ser este o bem maior que podemos devolver à sociedade, e também por seu caráter formativo, mas por ser a sala de aula o lócus privilegiado de trocas, construção dialógica de conhecimentos e de alteridades entre docentes e discentes.

³² Segundo documentos do Ministério da Educação – MEC, a Base Nacional Comum Curricular estabelece quais conteúdos e competências os alunos devem aprender em cada ano de formação na educação básica, bem como o rol de disciplinas obrigatórias na educação básica. “É um conjunto de orientações que deverá nortear a (re)elaboração dos currículos de referência das escolas das redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil. A Base trará os conhecimentos essenciais, as competências, habilidades e as aprendizagens pretendidas para crianças e jovens em cada etapa da educação básica. A BNCC pretende promover a elevação da qualidade do ensino no país por meio de uma referência comum obrigatória para todas as escolas de educação básica, respeitando a autonomia assegurada pela Constituição aos entes federados e às escolas. A carga horária da BNCC deve ter até 1800, a carga horária restante deverá ser destinada aos itinerários formativos, espaço de escolha dos estudantes.” Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Consultado em 27/03/2024, às 14h.

³³ Definido em documentos do MEC como uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. “A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade.” Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Consultado em 27/03/2024, às 14h.

Sendo assim, foi ao longo deste período, na regência nas disciplinas de História do Brasil colonial, História do Brasil Independente e História da África, em constantes e respeitosos diálogos acadêmicos em sala de aula com meus(as) alunos(as), que também aprimorei minha prática docente.

O quadro abaixo, sequencial e em ordem decrescente, apresenta as disciplinas que ministrei no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, o qual possibilita um panorama de minha trajetória em sala de aula naquele Curso, na construção dialógica do conhecimento em História em um curso de bacharelado e de licenciatura.

Quadro 1 - Disciplinas ministradas no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU (2023-2008)

Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2023		
2023 / 2º Semestre	ICHPO32401	História do Brasil Independente
2023 / 2º Semestre	ICHPO32903	Trabalho de Conclusão de Curso II
Disciplinas ministradas no primeiro segundo semestre de 2023		
2023 / 1º Semestre	ICHPO32503	História da África I
2023 / 1º Semestre	ICHPO32503	História da África I
2023 / 1º Semestre	ICHPO32302	História do Brasil Colonial
2023 / 1º Semestre	GHS033	Trabalho de Conclusão de Curso II
2023 / 1º Semestre	GHS037	Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2022		
2022 / 2º Semestre	GHS032	História da África
2022 / 2º Semestre	ICHPO32603	História da África II
2022 / 2º Semestre	GHS033	Trabalho de Conclusão de Curso II
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2022		
2022 / 1º Semestre	ICHPO32504	História da América I
2022 / 1º Semestre	ICHPO32503	História da África I
2022 / 1º Semestre	ICHPO32302	História do Brasil Colonial
2022 / 1º Semestre	GHS028	Trabalho de Conclusão de Curso I
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2021		
2021 / 2º Semestre	GHS032	História da África
2021 / 2º Semestre	ICHPO32401	História do Brasil Independente
2021 / 2º Semestre	ICHPO32204	Teoria da História I
2021 / 2º Semestre	GHS033	Trabalho de Conclusão de Curso II
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2021		
2021 / 1º Semestre	ICHPO32102	História Antiga HN2021
2021 / 1º Semestre	ICHPO32302	História do Brasil Colonial
2021 / 1º Semestre	GHS028	Trabalho de Conclusão de Curso I
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2020		
2020 / 2º Semestre	GHS032	História da África
2020 / 2º Semestre	GHS041	História da África Contemporânea
2020 / 2º Semestre	GHS007	História do Brasil I
2020 / 2º Semestre	GHS028	Trabalho de Conclusão de Curso
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2020		

2020 / 1º Semestre	ICHPO32102 História Antiga
2020 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2019	
2019 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2019 / 1º Semestre	GHS001Introdução a História Antiga
2019 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2019 / 1º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2019 / 1º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2018	
2018 / 2º Semestre	GHS032História da África
2018 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2018 / 2º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2018 / 2º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2018 / 2º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2018	
2018 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2018 / 1º Semestre	GHS001Introdução a História Antiga
2018 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2018 / 1º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2018 / 1º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2017	
2017 / 2º Semestre	GHS032História da África
2017 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2017 / 2º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2017 / 2º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2017 / 2º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2017	
2017 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2017 / 1º Semestre	GHS001Introdução a História Antiga
2017 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2017 / 1º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2017 / 1º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2016	
2016 / 2º Semestre	GHS032História da África
2016 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2016 / 2º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
2016 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2016	
2016 / 1º Semestre	GHS002Patrimônio, Memórias e Histórias
2016 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2016 / 1º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2016 / 1º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2015	
2015 / 2º Semestre	GHS032História da África
2015 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2015 / 2º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2015 / 2º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2015	
2015 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2015 / 1º Semestre	GHS002Patrimônio, Memórias e Histórias

2015 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2015 / 1º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2015 / 1º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2014	
2014 / 2º Semestre	GHS032História da África
2014 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2014 / 2º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2014 / 2º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2014 / 2º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2014	
2014 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2014 / 1º Semestre	GHS051Tópicos Especiais em História Regional
2014 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2013	
2013 / 2º Semestre	GHS032História da África
2013 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2013 / 2º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
2013 / 1º Semestre	GHS041História da África Contemporânea
2013 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2012	
2012 / 2º Semestre	GHS032História da África
2012 / 2º Semestre	GHS032História da África
2012 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2012 / 2º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2011	
2011 / 2º Semestre	GHS032História da África
2011 / 2º Semestre	GHS032História da África
2011 / 2º Semestre	GHS007História do Brasil I
2011 / 2º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
2011 / 2º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2011	
2011 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2011 / 1º Semestre	GHS001Introdução a História Antiga
2011 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
2011 / 1º Semestre	GHS037Trabalho de Conclusão de Curso III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2010	
2010 / 2º Semestre	GHS015História da América I
2010 / 2º Semestre	GHS032História da África
2010 / 2º Semestre	GHS032História da África
2010 / 2º Semestre	GHS033Trabalho de Conclusão de Curso II
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2010	
2010 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2010 / 1º Semestre	GHS012História do Brasil II
2010 / 1º Semestre	GHS002Patrimônio, Memórias e Histórias
2010 / 1º Semestre	GHS028Trabalho de Conclusão de Curso I
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2009	
2009 / 2º Semestre	GHS016História do Brasil III
2009 / 2º Semestre	GHS016História do Brasil III
2009 / 2º Semestre	GHS018Projeto Integrado de Práticas Educativas IV
2009 / 2º Semestre	GHS018Projeto Integrado de Práticas Educativas IV

Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2009		
2009 / 1º Semestre	GHS012	História do Brasil II
2009 / 1º Semestre	GHS012	História do Brasil II
2009 / 1º Semestre	GHS014	Projeto Integrado de Práticas Educativas III
Disciplinas ministradas no segundo semestre de 2009		
2008 / 2º Semestre	GHS016	História do Brasil III HD
2008 / 2º Semestre	GHS016	História do Brasil III HN
2008 / 2º Semestre	GHS009	Projeto Integrado de Práticas Educativas II
Disciplinas ministradas no primeiro semestre de 2010		
2008 / 1º Semestre	GHS012	História do Brasil II I
2008 / 1º Semestre	GHS012	História do Brasil II N
2008 / 1º Semestre	GHS003	Projeto Integrado de Práticas Educativas I HN

Fonte: Pró-reitoria de Graduação / Diretoria de Administração e Controle Acadêmico / Portal docente – Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

4.4. Orientações de Iniciação científica – IC e de Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC

Em um campus ainda em fase de consolidação, situado à aproximadamente 140 km de sua sede, com carências estruturais importantes e, à época, sem Programas de pós-graduação, logo percebi que à prática do Ensino, também era possível, desejável e necessária, agregar a Pesquisa, mesmo que em nível de graduação, por meio da orientação de Trabalhos de Iniciação científica - PIBIC e de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Assim, ao longo de minha trajetória, participei de bancas de defesas acadêmicas e também orientei pesquisas que me possibilitaram colaborar com a produção de um campo de conhecimento histórico importante para região, principalmente ligado às Linhas de pesquisa às quais me dediquei a ainda me dedico, quais sejam, a História da Escravidão no Brasil e a História indígena, com ênfase para a Região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – MG.

Sendo assim, os quadros 2, 3 e 4, abaixo, também seguindo uma lógica sequencial decrescente, elenca as pesquisas que orientei, bem como bancas nas quais participei, em Iniciação científica (IC) e em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), denotando a busca por coerência de percurso teórico-acadêmico do meu fazer-se como docente em uma universidade pública.

Quadro 2 - Orientação de Iniciação Científica – PIBIC

1	CASTRO, Diogo Nascimento de. O Relatório Figueiredo: etnocídio e genocídio indígena na ditadura civil empresarial-militar brasileira (1963-1967) . Iniciação Científica - IC. Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2022.
---	---

3	OLIVEIRA, Amanda Helena Martins de. As relações escravistas na sociedade patriarcal oitocentista brasileira: recorte de classe, raça, cor e gênero no romance de Úrsula Maria Firmino dos Reis (1825-1917) Iniciação Científica - IC. Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2022.
3	LIMONTA, Filipi. Patrimônio cultural material na cidade de Ituiutaba, Pontal do Triângulo Mineiro - MG. Iniciação Científica - IC. Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2018.
4	SILVA, Thiago Leandro da. A menina dos olhos que o morro escondeu. Migrantes nordestinos em Cambuí -MG 1940-1980. Iniciação Científica. (Graduando em História) - Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, Pouso Alegre, 2007
5	ROMANELLI, Leida. História de Vida: Memórias de Imigrantes italianos. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, Pouso Alegre, 2005.

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323> Acesso 02/05/2024

Quadro 3 - Orientações de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

1	CASTRO, Diogo Nascimento de. Além do Silêncio: Povos Indígenas na ditadura civil-militar e as disputas de memória envolvendo o Relatório Figueiredo (1963-2014). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2022.
2	ALMEIDA, Silvana Aparecida de. Agostinho Marques Perdigão Malheiro: trajetórias de um abolicionista moderado. Escravidão e abolicionismo no Brasil 1860-1870. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2017.
3	ALVES, Uendria Cristina. Escravidão, liberdades e Irmandades no Brasil colonial. Século XVIII: Irmandade de Nossa Senhora do Rozário do Arraial de Santa Anna e, são Luiz de Minas do Paracatu. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
4	PAULA, Ariana de. Escravidão e liberdades: famílias cativas espirituais no Triângulo Mineiro MG - século XIX. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
5	BRITO, Esther Rosa De. Famílias, propriedades e escravidão na paróquia de São José do Tijuco do século XIX (Triângulo Mineiro – MG). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
6	SILVA, Cláudio Scarparo. História indígena, arqueologia e patrimônio cultural (Triângulo Mineiro). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
7	BENEVIDES, Alysson. Escravidão em Minas Gerais: Triângulo Mineiro nos registros cartoriais e eclesiásticos. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
8	AFONSO, Pedro Affonso de Oliveira. Igreja e Escravidão nas Paróquias de S. José e N. S. Mão dos Homens do Campo e N. S. do Carmo do Prata: Triângulo Mineiro - Séc. XIX. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2013.

9	SOUZA, Gláucia Silva. Escravidão e registros de óbitos em São José do Tijuco e Nossa Senhora do Carmo do Prata: 1873-1887. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2012.
10	SANTOS, Túlio Andrade dos. Famílias Cativas do Triângulo Mineiro (1835-1875): fontes, documentação e perspectivas de pesquisas. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2011.
11	LEMOS, Jailson. Umbandomblé: significados e resignificados da religiosidade afro-brasileira no Sul de Minas Gerais. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
12	MELO, Luciana. A ressaca do Riso: o Carnaval de rua na cidade de Cambuí - MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
13	TAVARES, Elizangela de Fátima Serafini. Lazeres e Prazeres no cotidiano de Pouso Alegre Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
14	SILVA, Aline Gonçalves da. JUP - Jovens e Sociedade. Cidade e Representação nas décadas de 70 e 80. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
15	TIBÚRCIO, Peterson. Festejo Popular na Zona Rural de Pouso Alegre Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
16	SILVA, Daniela Ap. A vida sobre os Trilhos. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
17	GOMES, Luiz Carlos C. O discurso público da Fundação Pró-Menor. Pouso Alegre - MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
18	SOUZA, Solange Deroldo de. As enchentes do Bairro São Geraldo: Lembranças e memórias de moradores. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.

Fonte: FERREIRA FILHO. Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>. Acesso em 02/05/2024.

Quadro 4 - Participação em defesas de Trabalho de Conclusão de Cursos – TCC

Defesa de Trabalho de Conclusão de Cursos – TCC	
1	OLIVEIRA, Milena Martins. Mulheres escravizadas em Uberaba-MG: resistência nos documentos judiciais, século XIX. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2023.
2	CASTRO, Diogo Nascimento de. Além do Silêncio: Povos Indígenas na ditadura civil-militar e as disputas de memória envolvendo o Relatório Figueiredo (1963-2014). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2023.
3	COSTA, Eduardo José da. O rubi cravado em meio às esmeraldas: políticas patrimoniais como ferramenta de preservação a partir da análise dos tombamentos da Vila Ferroviária de Paranapiacaba, Santo André - SP (1982-2008). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2023.
4	PALUCCI, Vinícius Passo. Entre confrontos e alianças: as relações de trabalho escravo e trabalho livre nos processos criminais de Uberaba - MG, século XIX. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2023.

5	OLIVEIRA, Amanda Helena Martins de. As relações escravistas na sociedade patriarcal oitocentista brasileira: recorte de classe, raça, cor e gênero no romance de Úrsula Maria Firmino dos Reis (1825-1917) Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2022.
6	ALMEIDA, Silvana Aparecida de. Agostinho Marques Perdigão Malheiro: trajetórias de um abolicionista moderado: Escravidão e abolicionismo no Brasil 1860-1870. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2017.
8	DOMINGUES, Lucian Erlan da Silva. A capoeira na formação dos jovens: um estudo em Ituiutaba, MG. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba 2016.
9	ALVES, Uendria Cristina. Escravidão, liberdades e Irmandades no Brasil colonial. Século XVIII: Irmandade de Nossa Senhora do Rozário do Arraial de Santa Anna e, são Luiz de Minas do Paracatu. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
10	BRITO, Esther Rosa De. Famílias, propriedades e escravidão na paróquia de São José do Tijuco do século XIX (Triângulo Mineiro – MG). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
11	SILVA, Cláudio Scarparo. História indígena, arqueologia e patrimônio cultural (Triângulo Mineiro). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2015.
12	RAFAEL, Luana Regina Mendes. Os festejos de São Benedito em Ituiutaba: uma Janela em Movimento. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2014.
13	MAIA, Ana Kelly Silva Arantes. Tia, o coleguinha não quer ser amiguinho da Júlia ! O que é ser criança negra na Escola de Educação Infantil. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2014.
14	FERREIRA, Mariana Cristina Ribeiro. Questão Agrária no Brasil: uma abordagem histórica sobre terra, trabalho e conflito em Morte e Vida Severina. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2014.
15	SANTOS, Francelly Helena. A prostituição no município de Cachoeira-MG: Experiência, memórias e representações (1950-1970). Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 20 13.
16	OLIVEIRA, Pedro Affonso de. Igreja e Escravidão nas Paróquias de S. José e N. S. Mão dos Homens do Campo e N. S. do Carmo do Prata: Triângulo Mineiro - Séc. XIX. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2013.
17	SOUZA, Gláucia Silva. Escravidão e registros de óbitos em São José do Tijuco e Nossa Senhora do Carmo do Prata: 1873-1887. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2012.
18	SANTOS, Túlio Andrade dos. Famílias Cativas do Triângulo Mineiro (1835-1875): fontes, documentação e perspectivas de pesquisas. Trabalho de Conclusão de Curso TCC – Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Ituiutaba, 2011.
19	LEMONS, Jailson. Umbandomblé: significados e resignificados da religiosidade afro-brasileira no Sul de Minas Gerais. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.

20	MELO, Luciana. A ressaca do Riso: o Carnaval de rua na cidade de Cambuí - MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
21	TAVARES, Elizangela de Fátima Serafini. Lazeres e Prazeres no cotidiano de Pouso Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
22	SILVA, Aline Gonçalves da. JUP - Jovens e Sociedade. Cidade e Representação nas décadas de 70 e 80. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
23	TIBÚRCIO, Peterson. Festejo Popular na Zona Rural de Pouso Alegre Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
24	SILVA, Daniela Ap. A vida sobre os Trilhos. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
25	GOMES, Luiz Carlos C. O discurso público da Fundação Pró-Menor. Pouso Alegre - MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
26	SOUZA, Solange Deroldo de. As enchentes do Bairro São Geraldo: Lembranças e memórias de moradores. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2007.
27	MINÉ, Patrícia Machado. Canções à lápis, guitarra de papel: sociedade de consumo, mídia e pós-modernidade em Humberto Gessinger, 1978 - 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
28	SANTOS, Daniela Ferreira. Xica da Silva: cinema, política e sociedade na década de 1970. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
29	ALENCAR, Andréa da Silva. Memórias e experiências de vida de imigrantes espanhóis em Bueno Brandão - MG. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
30	ABREU, Márcia de. Benção, benzimento, benção: memória magia e trajetória de vida das benzedeiiras em Pouso Alegre. MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2006.
31	COSTA, Ludmila Ribeiro da Costa. Narrativas, Causos e Histórias que permeiam o cotidiano de Tocos de Mogi. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2005.
32	GUILHERME, Adriana Pereira. Diário do Túnel de Alcântara Silveira. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2005.
33	ISHIMURA, Juliano Hiroshi. Memórias, Conflitos e Sociabilidades: o cotidiano de moradores da Praça João Pinheiro 1940 - 1970. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2005.
34	REIS, Rosa Maria. O comércio de escravos no sec. XIX em Pouso Alegre e Silvanópolis. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2005.
35	MARTINS, Israel. Musicalidade de Raiz e suas manifestações: uma cultura popular em Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, 2005.

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323> Acesso em 26/05/2024

4.5 Linhas de pesquisas

Ao longo de minha Carreira, dediquei-me também à algumas Linhas, Grupos e Projetos de pesquisas que dialogam com a minha trajetória e percursos acadêmicos e com o meu próprio fazer-se como docente comprometido com o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão.

Marques (2011) considera que,

enquanto processo de criação de conhecimento, a pesquisa ocupa um lugar de prestígio na universidade que a coloca num patamar superior à atividade de ensino e extensão. Há uma cobrança explícita para a publicação de artigos em revistas especializadas. Há mesmo uma forte pressão externa à universidade por parte de entidades governamentais (CAPES, CNPQ) para a publicação em revistas especializadas dos resultados de pesquisas, sendo mais valorizadas aquelas publicações em revistas estrangeiras de prestígio internacional reconhecido. Esta pressão tende a provocar impactos contraditórios na produção científica. O olhar do pesquisador tende a se voltar para o exterior, para temas que se afinam com o que Dias Sobrinho (2000, p. 47-48) qualifica como ‘ciência *mainstream*’” (Marques, 2011, p. 686).

Na busca por superar as lógicas e as pressões academicistas apontadas pelo autor, na perspectiva de uma Universidade socialmente referenciada, que, como já dito, interage e contribui com e para a sociedade na qual se insere, também me dediquei à pesquisa e à extensão, na articulação de possíveis diálogos entre estas duas dimensões da produção do conhecimento e do saber acadêmico e social.

O quadro 5, abaixo, apresenta as Linhas de pesquisas às quais me dediquei ao longo de minha carreira acadêmico-profissional, e que colaboraram para a construção de um campo de conhecimento acadêmico atinente às problemáticas, temáticas e conjunturas que perpassam a região do Triângulo Mineiro e Alta Paranaíba (MG),

Quadro 5 - Linhas de Pesquisas / Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPQ

Tema	Resumo
<p>Escravidão: Trabalho cativo no Triângulo</p>	<p>Considerando que “as pesquisas com fontes paroquiais: assentos de batismo, de matrimônio e de óbito, livros Tombos, entre outros documentos eclesiásticos, referentes ao século XVIII e XIX, possibilitam importantes estudos sobre famílias cativas no Brasil; não sendo diferente para a região em tela ROCHA, 2006, p. 176 IN FERREIRA FILHO, 2015, P.2),” a problemática do trabalho escravo na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba foi a primeira temática sobre a qual me dediquei por um longo período. Sendo que logo entrei em contato com a vasta documentação, cartorial e eclesiástica, composta por registros de nascimento, batismos e pós-morte de escravizados e escravizadas, documentação esta, que se encontrava, e ainda se encontra, nas paróquias e cartórios das cidades de Ituiutaba, Prata, Uberaba e Monte Alegre de Minas (TM). Cidades estas que</p>

	<p>contaram, por todo o XIX, com o trabalho cativo nas pequenas e médias propriedades agropastoris da região, inseridas nas mesmas lógicas, circuitos e arranjos econômicos bem analisados por Douglas Cole Libby, em sua obra <i>Transformação e Trabalho em uma economia escravista</i>³⁴, para a capitania de Minas Gerais como um todo. Sendo assim, nesta linha de pesquisa, juntamente com um grupo de discentes pesquisadores, criamos o Núcleo de Estudos sobre Escravidão em Minas Gerais - NEEMG. Núcleo este que nos possibilitou o valioso trabalho de digitalização e organização de inúmeros Livros de registros paroquiais, bem como documentos cartoriais existentes nas Paróquias e cartórios das cidades já citadas, assim como a produção de valiosos artigos acadêmicos³⁵</p>
<p>Indígenas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG</p>	<p>Também muito cedo me aproximei do então incipiente Movimento dos Indígenas Não Aldeados do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (MINA), liderado por Maria Virginita de Oliveira, a Cacica Poti Guarani, em sua incansável luta por organização dos autodeclarados indígenas em contextos urbanos, no enfrentamento às péssimas condições de vida, dificuldades de moradia, renda e acesso à saúde vivenciadas por este grupo na região do triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – MG, fazendo parte desta luta o próprio entendimento do que é ser “índio” no Brasil e nos contextos urbanos; situação geralmente negada até mesmo por aqueles e aquelas que nela se encontram. Portanto, ao longo de meu caminhar como docente na Universidade Federal de Uberlândia-UFU, entre encontros, reuniões, e organização de seminários acadêmicos com aquele grupo, mas também participando de suas ações organizativas e reivindicativas por seus direitos, a problemática dos indígenas em contextos urbanos, tornou uma das temáticas das quais tenho me dedicado, rendendo-me, igualmente alguns valiosos artigos.</p> <p>Neste sentido, importante destacar meu pós-doutoramento nesta Linha de pesquisa, intitulado <i>Indígenas no meio urbano: autorreconhecimento, memórias, identidades e protagonismo</i>, sob supervisão do prof. Dr. Marcel Mano (PPG INCIS UFU), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI, fundado, do qual sou membro coordenador, bem como do projeto <i>Memórias Indígenas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba</i>, coordenado pelo Professor Marcel Mano junto ao Programa de pós-graduação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia – INCIS UFU.</p>
<p>Museologia e processos museais e de musealização na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG.</p>	<p>A região que compreende o atual Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - MG, conta com um valioso conjunto de sítios arqueológicos, constituindo-se em significativo acervo artefactual, a céu aberto, espalhados por seus municípios³⁶, sendo assim, e considerando também o meu envolvimento com as questões indígenas na região, dede 2016, tenho ampliado minhas pesquisas e reflexões sobre as temáticas atinentes à História indígena, processos museais e de musealização de acervos históricos e arqueológicos indígenas, bem como sobre os processos pelos quais os indígenas, no presente, se apropriam e ressignificam estes acervos, bem como dos espaços museais como forma de agenciamentos e empoderamentos não só no campo da política, mas</p>

³⁴ LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e Trabalho em uma economia escravista**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

³⁵ FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323> Acesso em 02/05/2024.

³⁶ FERREIRA FILHO, Aurelino José; RODRIGUES, Robson Antônio; MANO, Marcel. ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAIBA - MG: o Centro de Conservação e Restauro de Acervos Arqueológicos – CECRAAR. V Seminário de Preservação de Patrimônio Arqueológico do MAST. **Atas do [...]**. Rio de Janeiro, 2019.

	também nas diversas formas de expressão artística e culturais. Minhas pesquisas nesta Linha somam-se a também à minha participação, como um dos seus coordenadores, no Grupo de Estudos, Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena - GEPAEHI, grupo de estudos que também se ocupa das discussões, teóricas e práticas, sobre museologia processos museais e de musealização de acervos arqueológicos na perspectiva da Museologia social ³⁷ .
--	---

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>. Acesso em 02/05/2024

No entendimento da importância da atuação em Grupos de Estudo e de Pesquisas como possibilidades de diálogos interdisciplinares entre diferentes áreas do conhecimento, entre docentes e discentes da graduação e da pós-graduação e também entre diferentes Linhas, dediquei-me a dois Grupos de estudos e de pesquisas, o Núcleo de Estudos em Escravidão em Minas Gerais – NEEMG, já encerrado, e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI, ativo, apresentados no quadro 6, abaixo.

Quadro 6 - Grupos de Estudos / Universidade Federal de Uberlândia – UFU (Ativos / Concluídos)

Projetos Ativos	
Título	Descrição
Status: Líder e pesquisador	Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil CNPQ
Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI /Diretório de Grupos CNPQ / UFU	Sediado no Programa de Pós-graduação do Instituto de Ciências Sociais – INCIS da Universidade Federal de Uberlândia, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI se constituir como grupo de pesquisa registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ desde o ano de 2016, “o grupo reúne pesquisadores e estudantes das áreas de Antropologia, Arqueologia e História de diferentes instituições no objetivo de estabelecer um diálogo interdisciplinar na construção de referenciais epistemológicos e abordagens metodológicas para o estudo das Histórias e Culturas dos Povos Indígenas no Brasil e, em especial, dos povos Jê meridionais. Seu objetivo é promover o intercâmbio entre pesquisas dessas três áreas do conhecimento que permitam desenhar um quadro das dinâmicas das ocupações indígenas, os impactos coloniais e os rearranjos socioculturais sofridos pelas populações originais e remanescentes dos atuais sul de Goiás, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, norte de São Paulo e leste de Mato Grosso do Sul. Além disso, o Grupo, por meio da criação e estruturação do Museu de Antropologia e Arqueologia - MAnA - UFU, promove ações de proteção, preservação, musealização e patrimonialização do acervo constituído por sítios arqueológicos e centros de referências indígenas da região” ³⁸ .
Projetos Encerrados	
Status: Líder e pesquisador	Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil CNPQ

³⁷ FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>. Acesso em 02/05/2024

³⁸ Diretório dos Grupos de Pesquisas no Brasil do CNPQ/Plataforma LATTES.

<p>Núcleo de Estudos em Escravidão em Minas Gerais – NEEMG / Diretório de Grupos CNPQ / UFU</p>	<p>O Núcleo de Estudos em Escravidão em Minas Gerais – NEEMG pesquisou documentação eclesiástica e cartorial produzida no cotidiano civil e eclesiástico da sociedade escravista mineira, especificamente na região do atual Triângulo Mineiro e Alto (MG), entre os séculos XVIII e XIX. Suprindo assim a carência de fontes e documentação que possibilite pesquisas regionais sobre a escravidão na região. Ao mesmo tempo em que buscou fomentar profícuo diálogo metodológico e historiográfico, diminuindo lacunas ainda existentes sobre a temática na produção de material didático e no ensino de História, contribuindo desta forma para a formação de professores-pesquisadores capazes de propor alternativas pedagógicas e metodológicas para a o ensino da história da escravidão no Brasil.³⁹</p>
--	---

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>. Acesso em 02/05/2024.

Os Projetos de pesquisas são oportunidades ímpares para o exercício do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão e seus possíveis diálogos. Sendo assim, o quadro seguinte, de número 7, apresenta os Projetos de pesquisas aos quais em dediquei já na Universidade Federal de Uberlândia.

Quadro 7 - Projetos de Pesquisa Ativos/ Concluídos

Projetos Ativos	
Projeto	Descrição
<p>Status: Membro convidado</p>	<p>Fundação Araporã (SP) / CPQ</p>
<p>Programa de Diagnóstico, Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial no contexto do Sítio Arqueológico do Lico - Município de Conceição dos Ouros/MG.</p>	<p>O projeto <i>Programa de Diagnóstico, Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial no contexto do Sítio Arqueológico do Lico - Município de Conceição dos Ouros/MG</i> destina-se à pesquisa, e estudos diagnóstico e prospecção arqueológica em sítios arqueológicos (artefatos líticos e cerâmicos) indígena no município de Conceição dos Ouros, Sul de Minas Gerais. Submetido ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o projeto visa obter permissão para execução do PROGRAMA DE DIAGNÓSTICO, PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CONTEXTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO LICO, Município de Conceição dos Ouros, Estado de Minas Gerais, como parte dos estudos de Arqueologia Preventiva, e caracterizado como medida mitigadora definida pelo IPHAN-MG/IPHAN-MG-IPHAN desde o ano de 2022, sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Conceição dos Ouros. O projeto em como objetivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> I. Realizar diagnóstico arqueológico no município de Conceição dos Ouros; II. Desenvolver prospecção arqueológica na área definida como sítio arqueológico do Lico e seu entorno, no perímetro urbano do município de Conceição dos Ouros, a partir de pesquisa de campo; III. Realizar delimitação e mapeamento do sítio arqueológico existente na área urbana do município; IV. Atender à legislação brasileira no que se refere à intervenção, valoração e preservação do patrimônio cultural;

³⁹ FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323> Acesso em 02/05/2024

	<p>Produzir conhecimento científico a partir da caracterização arqueológica regional de modo a contextualizar materiais culturais porventura encontrados na área do empreendimento;</p> <p>VI. Correlacionar o sítio arqueológico existente com os tipos de ocorrências arqueológicas registradas na região;</p> <p>VII. Recomendar ao poder público municipal as medidas mais adequadas à preservação ou estudo futuro do sítio arqueológico;</p> <p>VIII. Avaliar a possibilidade de realização do resgate arqueológico no contexto pesquisado;</p> <p>IX. Desenvolver ações educativas a partir de atividades interventivas a serem realizadas no âmbito do município.⁴⁰</p>
Status: pesquisador	Diretório de Grupos CNPQ
Memórias indígenas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.	<p>O presente Projeto se insere num esforço mais amplo para pensar as redes de contatos e as políticas de agenciamentos indígenas em diferentes contextos temporais, nas regiões dos atuais sul de Goiás, Triângulo Mineiro e norte de São Paulo. Parte das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI, o projeto deverá contribuir para mapear as presenças, as trajetórias e as lutas de indígenas citadinos, urbanos, não aldeados ou desaldeados que vivem em diferentes cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Com base no registro de memórias, biografias, histórias de vidas e lutas, almejando organizar um banco de dados de referência para as pesquisas atinentes à temática na região. Seja disponibilizando-o para estudos e pesquisas; para construção de materiais didáticos na perspectiva da temática indígena regional e atual; para atualizar o protagonismo e os direitos de indígenas desaldeados; para pensar alteridades e diferenças reversivamente e, mais importante, para contribuir nos processos de reafirmação étnica, social e cultural desse coletivo. Para isso, o projeto procura conjugar interesses da Antropologia e da História tendo em vista desvelar os processos de ressurgência ou etnogênese; de autoimagem e identidades; de lutas políticas e trajetórias históricas de sujeitos que se autodeclaram indígenas residentes em cidades da região. O material de pesquisa será composto de entrevistas semiestruturadas, histórias de vida e de observação e participação em eventos e atividades promovidas por esse coletivo. Técnicas de gravação de áudios e vídeos, e anotações em cadernos de campo serão usados a partir dos princípios da técnica etnográfica não diretiva, com base nos paradigmas de uma antropologia reversa e de uma pesquisa colaborativa. Espera-se, assim, fortalecer e dar maior visibilidade às trajetórias históricas e aos processos de agenciamentos e lutas dos indígenas desaldeados na região e contribuir não só para um melhor conhecimento desse coletivo, mas, igualmente, estimular, os diálogos interculturais com base no direito de igualdade na diversidade⁴¹</p>
Status: Coordenador	Pró-reitora de Extensão e Cultura – PROECX / Universidade Federal de Uberlândia UFU
Museu de Arqueologia e	Em parceria com o Ministério Público Federal (MPF) de Uberlândia e a Pró-reitoria de Extensão e Cultura, PROECX, este projeto se destina à constituição do

⁴⁰ Projeto de Pesquisa Programa de Diagnóstico, Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial no contexto do Sítio Arqueológico do Lico - Município de Conceição dos Ouros/MG. Fundação Araporã. Araraquara, SP, 2022.

⁴¹ Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI / PPG INCS / Diretório de Grupos de Pesquisa CNPQ. Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/213009>. Acesso em 02/05/2024.

<p>Antropologia, Etnologia e História indígena, o MAnA-UFU.</p>	<p>Museu de Arqueologia e Antropologia, Etnologia e História indígena da Universidade Federal de Uberlândia, o MAnA-UFU, já em fase de conclusão. Projeto este ao qual tenho me dedicado há aproximadamente seis anos por meio de minha participação em suas Comissões de criação.⁴² Sendo que no momento o MAnA-UFU já se encontra aprovado na estrutura da Rede de Museus da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, seu regimento em fase de aprovação nos respectivos Conselhos das Unidades que o abrigará, e sua estrutura física em fase de obras de reformas e adaptações para o seu pleno funcionamento.</p> <p>Como já publicado em diversos artigos⁴³, o MAnA-UFU, se constituirá como um espaço responsável por realizar pesquisas, curadoria, guarda e extroversão de acervos antropológicos e arqueológicos oriundos de pesquisas ou de doações diversas realizadas na região definida atualmente pelo sul de Goiás, Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, norte de São Paulo e leste de Mato Grosso do Sul, constituindo-se também como Instituição endossada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN para fins de Guarda de Acervos arqueológicas em Minas Gerais. O acervo do ManA-UFU⁴⁴, “será composto de um vasto conjunto de material lito-cerâmico, dentre outros, resultantes dos resgates arqueológicos desenvolvidos na construção das Usinas Hidrelétricas Miranda e Nova Ponte nas décadas de 1980-90, localizadas, respectivamente, nos municípios de Indianópolis e Nova Ponte, ambas às margens do rio Araguari. O MAnA UFU dará destinação adequada à essa expressiva coleção arqueológica que se encontra há vinte e cinco anos inadequadamente depositada em edifício da Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG, no município de Nova Ponte, não recebendo, até o momento, tratamento e/ou destinação adequados, entendidos aqui como um conjunto de procedimentos que engloba o tripé preservação (diagnóstico, higienização, tratamentos, recuperação e restauro, curadorias, gestão e conservação); pesquisa (acadêmico-científica ou não); e extroversão (exposição, publicações e educação patrimonial), entre outros procedimentos que compõem a cadeia operatória da museologia (FERREIRA FILHO; RODRIGUES; MANO, 2021, p.91)⁴⁵</p>
<p>Projetos concluídos</p>	
<p>Status: coordenador</p>	<p>Programa de Iniciação Científica – IC / Edital 2014 / FAPEMIG UFU</p>
<p>A América portuguesa nos livros didáticos de História: Plano nacional do livro didático PLD 2014/2016: a produção do conhecimento histórico em sala de aula</p>	<p>O objetivo deste Projeto de pesquisa consistiu em pesquisar, sistematizar e analisar, bem como produzir relatórios e publicações sobre os conteúdos sobre a América portuguesa, enfeixados nos compêndios escolares atinentes ao conteúdo histórico referente ao período Colonial brasileiro, reproduzidos nas coleções de Livros didáticos de História destinados ao Ensino Fundamental e aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), especificamente sua edição 2014-16. Analisar a reprodução de representações, anacronias, teleologismos e estereótipos sobre o período nos Livros didáticos de História tomando como instrumental teórico-metodológico a recente historiografia sobre o período. Pretende-se também, por meio de participações e publicações em eventos acadêmico-científicos, apontar os avanços verificados nos</p>

⁴² FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>

⁴³ FERREIRA FILHO, Aurelino. Acervos arqueológicos musealizados e gestão no MAnA-UFU possibilidades de interpretações, apropriações e ressignificações no diálogo com as histórias, identidades, alteridades e etnicidades indígenas. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 34, n. 1, 2021.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

	últimos anos em torno do PNLD e, conseqüentemente, a melhora da qualidade do Livro didático de História oferecido às Redes de Ensino público do país ⁴⁶ .
Status: Coordenador	Programa de bolsa de Graduação - PBG UFU / Edital 2014
Produção do Conhecimento Histórico nos Livros didáticos de História do Brasil: período colonial, revendo conceitos e representações	O projeto pesquisou, sistematizou, analisou e produziu relatórios didáticos sobre o conteúdo de história do Brasil colonial produzido nas coleções de livros didáticos destinados ao 1º. Ciclo do Ensino Fundamental (6º. e 7º. Anos) aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2013; analisando a produção e/ou manutenção de representações e estereótipos sobre o período. Pretendemos também, por meio de participações e publicações em eventos acadêmicos, apontar os avanços verificados nos últimos anos em torno do PNLD e, conseqüentemente, a melhora da qualidade do livro didático oferecido às redes públicas brasileiras. ⁴⁷
Status: Coordenador	Programa de Extensão Universitária - ProExt UFU 2013
Educação patrimonial e sítios arqueológicos: Patrimônio cultural e inclusão social. Pontal do Triângulo Mineiro (2013- 2014)	Este projeto, financiado pelo PROEXT - 2013, pretende identificar sítios arqueológicos e artefatos da cultura imaterial, bem como produzir mapeamento das famílias indígenas considerando suas origens étnico-linguísticas e culturais da região do Triângulo Mineiro - MG. ⁴⁸
Status: Coordenador	Núcleo de Estudos sobre Escravidão em Minas Gerais – NEENG
Escravidão, fontes e patrimônio histórico: digitalização, catalogação e disponibilização de documentos eclesiásticos e cartoriais. Triângulo Mineiro - MG (2012-213)	O projeto pesquisa documentos eclesiásticos e cartoriais produzidos no cotidiano público e eclesiástico da sociedade escravista mineira, especificamente na região do atual Triângulo Mineiro entre os séculos XVIII e XIX. Sistematiza, digitaliza e promove oficinas para pesquisadores em escravidão, professores e alunos da Educação básica e do 3º. Grau. ⁴⁹
Status: Coordenador	Programa Institucional Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC / FAPEMIG UFU / Edital 2011
Escravidão, fontes e patrimônio histórico:	O Projeto objetivava fomentar e produzir material para pesquisas em História no âmbito universitários e nos níveis básicos, tomando a documentação eclesiástica e cartorial produzida na região do atual Triângulo Mineiro entre os séculos XVIII e XIX

⁴⁶ FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

<p>digitalização, catalogação e disponibilização de documentos eclesiásticos e cartoriais. Triângulo Mineiro - MG, séculos XVIII - XIX</p>	<p>como fonte e patrimônio histórico desta região. Suprindo assim a carência de fontes e documentação que possibilite pesquisas regionais sobre a escravidão e outras temáticas na região. Ao mesmo tempo fomentar profícuo diálogo metodológico e historiográfico, diminuindo lacunas ainda existentes sobre a temática na produção de material didático e no ensino de História, contribuindo para a formação de professores-pesquisadores capazes de propor alternativas pedagógicas e metodológicas para a o ensino de História.⁵⁰ Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.</p>
---	--

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>. Acesso em 02/05/2024.

4.6 Publicação de Artigos acadêmicos

Embora a docência e o cotidiano acadêmico em um Campus fora de sede proporcionem a riqueza da diversidade possibilitada pelo convívio mais próximo entre docentes, discentes e setores meios, no incentivo da troca de ideias, do debate e de aproximações diversas, também apresentam múltiplas dificuldades e déficits estruturais próprios de um campus ainda em fase de consolidação, decorrentes, por exemplo, da inexistência de estruturas adequadas de trabalho e de pesquisas, como boas bibliotecas e Programas de pós-graduação. Apesar desta realidade, também me dediquei não só às pesquisas, mas também à publicação de seus resultados, como elencados, em ordem decrescente, no quando 8, abaixo.

Quadro 8 - Publicações / Artigos completos

Artigos completos publicados	
1	FERREIRA FILHO, Aurelino José; MANO, M.; RODRIGUES, R. A.. ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E MEMÓRIAS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - MAnA/UFU. Revista eletrônica da Fundação ARAPORÁ , v. 11, 2024.
2	FERREIRA FILHO, Aurelino José; MANO, M.; RODRIGUES, R. Acervos arqueológicos musealizados e gestão no MAnAUFU possibilidades de interpretações, apropriações e ressignificações no diálogo com as histórias, identidades, alteridades e etnicidades indígenas regionais. Revista de Arqueologia , vol, 34, n. 1, 2021.
3	FERREIRA FILHO, Aurelino José; MANO, M.; RODRIGUES, R. A. Patrimônio Arqueológico Indígena no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG Ações de Preservação e Proteção de Acervos no Ambiente da Universidade Federal de Uberlândia. Caderno CEDHIS , vol. 33, n. 1, 2020.
4	FERREIRA FILHO, Aurelino José; MANO, M.; RODRIGUES, R. A. ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAIBAMG: o Centro de Conservação e Restauo de Acervos Arqueológicos - CECRAAR. Publicação do V Seminário

⁵⁰ Idem.

	de Preservação de Patrimônio Arqueológico do O Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST , Rio de Janeiro, 2019.
5	FERREIRA FILHO, Aurelino José; MANO, M.; RODRIGUES, R. A. Indígenas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - MG: Sítios arqueológicos e patrimônio. ALBUQUERQUE: REVISTA DE HISTÓRIA , v. 10, 2018.
6	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Da invenção do índio nacional às atuais formas de protagonismos indígenas no Brasil. CRÍTICA E SOCIEDADE: revista de cultura política , v. 7, p. 1-28, 2017.
7	FERREIRA FILHO, Aurelino José. INDÍGENAS NO MEIO URBANO: AUTORRECONHECIMENTO, IDENTIDADES E PROTAGONISMOS. ANAIS do XXVIII Simpósio Nacional de História ANPUH . Florianópolis, 2015.
	FERREIRA FILHO, Aurelino José. REGISTROS ECLESIASTICOS E CARTORIAIS, FONTES E DOCUMENTAÇÃO: POSSIBILIDADES, PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA AS PESQUISAS EM ESCRAVIDÃO NO BRASIL - TRIÂNGULO MINEIRO – MG. ANAIS XXVII Simpósio Nacional de História. UFRG . Natal, 2013.
8	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Famílias indígenas não aldeadas urbanas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: direitos, participação e cidadania. Em Extensão , Uberlândia, v. 9, n. 36, 2010.
Livros publicados/organizados ou edições	
1	FERREIRA FILHO, Aurelino José (Org.). Índios do Triângulo Mineiro: História, arqueologia, fontes e patrimônio: pesquisas e perspectivas . 1ª. ed. Uberlândia: EDUFU, , 2015.
Capítulos de livros publicados	
1	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Índios no Triângulo Mineiro: autorreconhecimento e direitos étnico-culturais. In: FERREIRA FILHO, Aurelino. (Org.). Índios do Triângulo Mineiro: História, arqueologia, fontes e patrimônio: pesquisas e perspectivas . 1 ed. Uberlândia: EDUFU, 2015, v. 1, p. 7-19.
2	FERREIRA FILHO, Aurelino José. RESISTIR, RE-SIGNIFICAR E RE-CRIAR ESCRAVIDÃO E A REINVENÇÃO DA ÁFRICA NO BRASIL: SÉCULOS XVI E XVII. In: MENEZES, Marcos Antônio de Menezes; LEMES, Claudia Graziela Ferreira. (Org.). Um sertão chamado Brasil: história, natureza e cultura . 1ª. ed. Goiânia: Editora UFG, 2009.

Assim, entre disciplinas ministradas, a pesquisa, a extensão e a gestão, no construir e constituir-se de um Campus fora de sede, também me dediquei a apresentar os resultados de minhas pesquisas em Seminários e Congressos, conforme indicados, também em ordem decrescente no quadro 9, abaixo.

Quadro 9 - Participação em Congressos / Seminários / Encontros acadêmicos

Participação em Mesas Redondas	
	FERREIRA FILHO. Aurelino. 6a. Semana de Museus UFU Pontal. Participação Mesa Redonda Musealização de acervos arqueológicos e Educação patrimonial. (Encontro) . Universidade Federal de Uberlândia – UFU / ICHPO. Uberlândia, 2021

<p>FERREIRA FILHO, Aurelino. I Simpósio de Etno-História e História Indígena: abordagens preliminares. Participação na Mesa Redonda A importância da História Indígena para a efetivação dos direitos dos povos indígenas no Brasil. (Simpósio). Universidade Federal de Uberlândia UFU / GEPAEHI, 2020.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino. I Simpósio de Etno-História e História Indígena: abordagens preliminares. Participação na Mesa Redonda O processo de demarcação de terras indígenas no Brasil: aspectos históricos e jurídicos. 2020. (Simpósio). Universidade Federal de Uberlândia UFU/ GEPAEHI, 2020.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino. Pesquisa em Ação - Seminários do GEPAEHI. Participação Mesa Redonda História indígena e História dos índios no Brasil. 2019. (Encontro). Universidade Federal de Uberlândia UFU / GEPAEHI, 2019.</p>
<p>Coordenação se Simpósios Temáticos</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH RN. Coordenação de ST REGISTROS ECLESIASTICOS E CARTORIAIS, FONTES E DOCUMENTAÇÃO: POSSIBILIDADES, PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA AS PESQUISAS EM ESCRAVIDÃO NO BRASIL - TRIÂNGULO MINEIRO - MG. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Coordenação ST Fontes, Documentação, Historiografia e Perspectivas de Pesquisas sobre escravidão no Brasil. Universidade Federal do Piauí UFPI. Teresina, 2012.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí. Coordenação de ST FONTES, DOCUMENTAÇÃO, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS DE PESQUISAS SOBRE ESCRAVIDÃO NO BRASIL. Universidade Federal de Goiás – UFG. Jataí, 2011.</p>
<p>Comunicações em Simpósios temáticos</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino. V Seminário Preservação de Patrimônio Arqueológico. Comunicação ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAIBA - MG: o Centro de Conservação e Restauro de Acervos Arqueológicos - CECRAAR. 2019. (Seminário). Universidade Federal de Uberlândia UFU / GEPAEHI, 2019.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. XXII Encontro Estadual de História - ANPUH SP. Comunicação Escravidão no Centro-Oeste mineiro: fontes e documentação - Século XIX. Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2014.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. IV Congresso Internacional de História Cultura, Sociedade e Poder. Comunicação Famílias Cativas, resistências e liberdades. Universidade Federal de Goiás – UFG. Jataí 2014.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. XVI Encontro Estadual de História - ANPUH RJ. Comunicação Paróquias de São José do Tijuco: N. S. do Carmo e N. S. Mãe dos homens de Campo Belo. Universidade Santa Úrsula. Rio de Janeiro, 2014.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH RN. Comunicação REGISTROS ECLESIASTICOS E CARTORIAIS, FONTES E DOCUMENTAÇÃO: POSSIBILIDADES, PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA AS PESQUISAS EM ESCRAVIDÃO NO BRASIL - TRIÂNGULO MINEIRO - MG. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. II Semana de História do Pontal - História e Interdisciplinaridade. Comunicação Escravidão no Centro-Oeste mineiro: fontes e documentação - Século XIX. Universidade Federal de Uberlândia UFU. Ituiutaba, 2013.</p>
<p>FERREIRA FILHO, Aurelino José. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Comunicação DOCUMENTAÇÃO ECLESIASTICA E PERSPECTIVAS DE PESQUISAS SOBRE ESCRAVIDÃO: A CONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS CATIVAS NOS ASSENTOS DE BATISMO E MATRIMÔNIO NO ARRAIAL DE CAMPO BELO - MG (1835-1875). Universidade Federal do Piauí UFPI. Teresina, 2012.</p>

FERREIRA FILHO, Aurelino José. II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí. Comunicação Documentos eclesiástico e cartoriais como fontes de pesquisas em escravidão no Triângulo Mineiro - MG. Universidade Federal de Goiás – UFG. Jataí, 2011.
FERREIRA FILHO, Aurelino José. I congresso Internacional de História de Jataí. Comunicação HISTORIOGRAFIA, DOCUMENTAÇÃO, FONTES E PERSPECTIVAS DE PESQUISA NAS GERAIS - SEC. XVIII-XIX. Universidade Federal de Goiás – UFG. Jataí, 2010.
FERREIRA FILHO, Aurelino José. II Congresso Nacional, III Regional do Curso de História da UFG/Jataí. Comunicação Um Sertão Chamado Brasil. O Negro no Sertão de Minas Gerais - Séculos XVIII / XIX. Universidade Federal de Goiás – UFG. Jataí 2009.
FERREIRA FILHO, Aurelino José. III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridos. Comunicação Re-criar, Re-significar e resistir. Religiosidades e Identidades entre África e Brasil. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Campo Grande, 2009.
FERREIRA FILHO, Aurelino José. I Congresso Nacional e II Regional do Curso de História da UFG-Jataí. Comunicação Uma Corte Europeia nos Trópicos. Comunicação RESISTIR, RE-SIGNIFICAR E RE-CRIAR ESCRAVIDÃO E A REINVENÇÃO DA ÁFRICA NO BRASIL - SÉCULOS XVI E XVII. Universidade Federal de Goiás – UFG. Jataí. 2008.
FERREIRA FILHO. Aurelino. IV Congresso de Iniciação Científica. Orientação de Comunicação Um olhar sobre o cotidiano do Bairro Jardim santo Espedito na cidade de Cambuí, MG, 1994-2006. Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS. (Congresso). Pouso Alegre, 2007.
FERREIRA FILHO. Aurelino. V Congresso de Iniciação Científica. Orientação de comunicação Benzedoras e o Ofício de benzer em Conceição dos Ouros, Sul de Minas Gerais. Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS. Pouso Alegre, 2007.
FERREIRA FILHO. Aurelino José. III Simpósio Internacional Cultura e Identidades. Comunicação Velhos Curtumeiros da Cidade de Franca - SP: Trabalho, cultura e experiência. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.
FERREIRA FILHO. Aurelino José. XV Encontro regional de história - Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ. Comunicação Trabalho e Experiência de velhos curtumeiros no sul de Minas e em Franca 1940-1980. São João Del Rey, 2006.

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>

A participação em Bancas de defesas, bem como em Pareceres *Ad-hoc*, por meio de valiosos diálogos com nossos pares e respectivas Linhas de pesquisas, constituem-se em profícuas possibilidades de trocas e crescimento acadêmico. Sendo assim, também me dediquei à participação em Bancas de defesas e qualificações de teses de doutoramento e dissertações de mestrados, bem como à pareceres *Ad hoc*, Comissões científicas e de organização de Eventos acadêmicos-científicos, como mostra o quadro 10, abaixo.

Quadro 10 - Participação em Bancas de mestrados e doutorados / Pareceres / Produção de relatórios / Comissões científicas/organização de Eventos acadêmicos

Bancas de Mestrados	
1	ARAÚJO, Joalison Toscano. Representações de ciganos Calons no sertão do Seridó/RN: alteridades e marcadores sociais da diferença. 2023. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia.

2	AMÂNCIO, Kerley Cristina Braz. Entre conquistas e disputas; trajetórias e experiências de luta das mulheres das camadas populares no movimento feminino (Uberlândia / MG- 1980-1990) . 2013.
3	SOUZ, Júlio César de. Crianças Escravas e Ingênuas no Triângulo Mineiro do século XIX . 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia.
4	SILVA, Murilo Borges. Pelos caminhos da abolição: os últimos anos da escravidão e experiências da liberdade em Jataí . 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
Bancas de Doutoramentos	
1	SILVA, Murilo Borges. Mulheres negras e plurais: gênero, "raça" e sexualidade em Goyaz, - século XIX . 2019. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia.
2	SILVA, Murilo Borges. Sobreviver, resistir e negociar: escravas e libertas em Goyaz, século XIX . 2017. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia.
3	CORREA, Daniel Camurça. Memória e resistência na construção das famílias escravas no sul de Minas Gerais . 2011. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Qualificações de Doutorado	
1	SOUZA, Maria Laura de Melo. Suicídio: Guarani Kaiowá . 2021. Exame de qualificação (Doutorando em História) - Universidade Federal de Uberlândia.
2	CORREA, Daniel Camurça. Memória e resistência na construção das famílias escravas no sul de Minas Gerais . 2010. Exame de qualificação (Doutorando em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Defesa de Monografias de cursos de aperfeiçoamento/especialização	
	LIMONTA, Filipi Silva. Patrimônio arqueológico indígena em Ituiutaba - MG . Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em FACED) - Universidade Federal de Uberlândia UFU. Uberlândia, 2016.
Parecerista Ad-hoc	
1	Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS (ISSN 1518-7640) . Dossiê Epistemologias Indígenas e Ensino de História V. 36, n. 2. Uberlândia, 2023.
2	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia -FAPESB . Salvador, 2015.
3	Cadernos Históricos - Universidade Federal de Uberlândia -UFU. Uberlândia, 2010.
5	Revista História & Perspectivas - Universidade Federal de Uberlândia -UFU. Uberlândia, 2010.
6	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros / NEAB - Universidade Federal de Uberlândia -UFU – Uberlândia, 20210.
Participação em Comissões científicas e de Organização / Congressos, Seminários, Encontros, colóquios	
1	FERREIRA FILHO, Aurelino José. VII Semana de História do Pontal - Democracia, Direitos Humanos e Educação . Universidade Federal de Uberlândia UFU / ICHPO. Comissão científica. Ituiutaba, 2019.

2	FERREIRA FILHO, Aurelino José. VII Semana de História do Pontal - Democracia, Direitos Humanos e Educação. Comissão organizadora. Universidade Federal de Uberlândia UFU / ICHPO, Ituiutaba, 2019.
3	FERREIRA FILHO, Aurelino José. IV Seminário Internacional do Programa de Pós-graduação (PPGCS) / XVI Semana de Ciências Sociais Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Comissão organizadora. Uberlândia, 2016.
4	FERREIRA FILHO, Aurelino José. XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH. Comissão Científica Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, 2013.
5	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Comissão científica. I Simpósio Internacional: Política, Gestão e Educação e IV Simpósio de Educação do Triângulo Mineiro. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Ituiutaba, 2009.
6	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Comissão Científica: V Seminário Racismo e Educação e IV Seminário de Gênero, Raça e Etnia. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Ituiutaba, 2009.
7	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Comissão científica - I Seminário Internacional de Educação do Pontal do Triângulo Mineiro. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Ituiutaba, 2009.
8	FERREIRA FILHO, Aurelino José. I Simpósio Internacional: política, Gestão e Educação e IV Simpósio de Educação de Triângulo Mineiro. Comissão científica. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Ituiutaba, 2008.
9	FERREIRA FILHO, Aurelino José. II Fórum Sul Mineiro de Cultura - Folclore. Memória e Oralidade. Comissão científica (Colóquio). Conservatório Estadual de Música de Pouso Alegre. Pouso Alegre, 2007.
	FERREIRA FILHO, Aurelino José. 3o. Congresso de iniciação Científica - Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS. Comissão científica. Pouso Alegre, 2006.

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>

5. O CONSTITUIR-SE DOCENTE NA DOCÊNCIA E NA GESTÃO ACADÊMICA

Sem dúvida um dos aspectos mais democráticos que compõem a estrutura da Universidade pública brasileira é a possibilidade, e a obrigatoriedade, de sua autogestão. Sendo assim, o fazer-se de um docente na Carreira do magistério superior, passa por além de dedicar-se ao tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, também à Gestão, sendo esta, a meu ver, uma importante dimensão de democracia interna em nossas Universidades públicas federais.

Embora, como já apontou Marques,

um dos indícios que nos leva a supor que a questão da gestão, sobretudo da gestão pedagógica, pelas enormes implicações que apresenta para a universidade, devesse aparecer com grande frequência nas publicações em revistas científicas brasileiras. Isto não parece ocorrer; o tema gestão não consta no rol das questões mais importantes como temas de reflexão nas publicações em revistas científicas brasileiras (Marques, 2011, p. 696).

Apesar de a Gestão não ser exatamente a atuação mais reconhecida no sentido apontado pelo autor, considero que esta também é uma relevante dimensão no nosso fazer acadêmico e uma importante contribuição para a consolidação da própria Universidade pública brasileira.

Neste sentido, a participação docente em instâncias como Coordenação de cursos, Conselhos e Colegiados acadêmicos ou até mesmo Comissões internas e externas, faz com que a gestão acadêmico-administrativa das Universidades públicas brasileiras seja representativa, participativa e democrática. Entendendo a importância deste constructo, também me dediquei à participação nestas instâncias tanto no âmbito do Curso de História do Pontal, como do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, o ICHPO, ao qual pertencço.

5.1 A coordenação do Curso de Graduação em História do Pontal

No campo da gestão, penso ser importante destacar minha atuação na coordenação do Curso de História do Pontal no biênio 2017-2019. Neste período, experimentei mais de perto a gestão acadêmico-administrativa ao lidar diretamente com questões que envolvem a realidade não apenas administrativa atinentes à graduação, mas também aos problemas, desafios e perspectivas de gestão da própria universidade como um todo. Neste período também estive a frente da coordenação do Curso quando da visita do MEC para fins de avaliação no Índice Geral de Cursos (IGC). Tal indicador tem como objetivo verificar o desempenho dos Cursos e das

Instituições de Ensino superior do país, e o Curso de História o qual coordenava naquele momento, conquistou nota cinco (5), valor que mantemos até o presente momento.

A coordenação do Curso de História do Pontal me possibilitou também presidir o seu Colegiado e o seu Núcleo docente estruturante - NDE. A presidência destas duas instâncias, *paripassu* à coordenação, por sua vez, possibilitou-me participar de importantes discussões acerca de sua gestão e do importante trabalho de revisão permanente de seu Projeto Político Pedagógico (PPC).

Por fim, desta importante experiência, destaco também a convivência diária com os(as) discentes do Curso, que, entre processos burocráticos e/ou acadêmicos, também permite trocas e aprendizagens interessantes e importantes para o constituir-se docente na Universidade pública brasileira e seu modelo de gestão.

5.2 O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Interdisciplinar FACIP UFU (biênio 2014-2015)

Ainda no âmbito da gestão acadêmica, destaco minha atuação na coordenação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Interdisciplinar FACIP UFU (biênio 2014-2015). O objetivo deste Programa, conforme anunciado em seu próprio Projeto de criação, é intermediar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública, o que possibilitou articulações entre a Educação superior (por meio das licenciaturas), a Escola e os Sistemas estaduais e municipais de Ensino.⁵¹

A experiência na coordenação deste importante Programa de iniciação à docência no Pontal, que ocorreu de forma interdisciplinar entre os Cursos de História e Pedagogia, juntamente com uma docente e colega daquele Curso, colocou o instigante desafio da interdisciplinaridade entre estas duas áreas das licenciaturas. A iniciação à docência, que envolveu discentes dos cursos supracitados, professores e direções de escolas da Rede pública de Ensino na cidade de Ituiutaba, proporcionou ao grupo, inclusive a nós coordenadores, experimentarmos os desafios, mas também a satisfação das possibilidades de intervenções e contribuições no cotidiano escolar das escolas envolvidas, bem como o constante diálogo e articulação entre Universidade e o Ensino básico na cidade de Ituiutaba. Isso possibilitou trocas de experiências no campo da Gestão e do Ensino.

⁵¹ Página do MEC encontrada em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/iniciacao-a-docencia_1, consultada em 07/04/2024, às 11h01.

Tal atividade levou-me também a participar de questões atinentes às dinâmicas pedagógicas nas escolas envolvidas e à vivência direta com alunos do Ensino básico nos espaços-tempos escolares. Isso favoreceu não só o planejamento e a execução de atividades pedagógicas e/ou culturais, mas, sobretudo, possibilitou-me exercitar novamente a arte da escuta, da aprendizagem e da troca com os jovens alunos da Rede básica de Ensino daquelas escolas públicas da cidade de Ituiutaba.

5.3 Comissões de criação do Museu de Antropologia e Arqueologia da UFU – MAnA UFU

Ainda no campo da gestão, em interface com a pesquisa e a extensão, considero também valiosa para minha trajetória acadêmico-profissional a minha atuação para a criação do Museu de Antropologia e Arqueologia da UFU, o MAnA UFU. A criação deste museu é resultado de aproximadamente sete anos de trabalhos intensos junto ao Ministério Público Federal - MPF de Uberlândia, à Centrais Elétricas de Minas Gerais - CEMIG e à Universidade Federal de Uberlândia - UFU no sentido de capacitá-la como mais uma entre as únicas cinco instituições de guarda já existentes, para conservação, pesquisa e extroversão de acervos arqueológicos do Estado de Minas Gerais, outorgadas pelo IPHAN.

Este trabalho ganha relevância na medida em que a região do atual Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (MG) conta com um importante conjunto de sítios arqueológicos que, entretanto, anda se encontra permanentemente ameaçado, seja pela ação do tempo e/ou por empreendimentos como Pequenas Centrais Hidrelétricas - PCHs, rodovias e grandes plantações, mas também pela inexistência, até o momento, de instituições de guarda, no âmbito regional, aptas a receber, tratar, preservar e possibilitar pesquisas e extroversão adequadas aos acervos constituídos a partir daqueles contextos arqueológicos.

O MAnA UFU é, portanto, fruto do longo trabalho de pesquisa, gestão e extensão desenvolvido na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (MG) pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI, do qual faço parte. Estará capacitado para abrigar um importante acervo composto por um vasto conjunto de material lito-cerâmico, dentre outros, resultante dos resgates arqueológicos para a construção das Usinas Hidrelétricas Miranda e Nova Ponte nas décadas de 1980-90, localizadas, respectivamente, nos municípios de Indianópolis e Nova Ponte, ambas às margens do rio Araguari na região supracitada.

Aquela expressiva coleção arqueológica está há vinte e cinco anos inadequadamente depositada em edifício da Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG, em Nova Ponte, e, até o momento, à ela não foi dado tratamento e/ou destinação adequados, entendidos aqui como um conjunto de procedimentos que engloba o tripé preservação (diagnóstico, higienização, tratamentos, recuperação e restauro, curadorias, gestão e conservação); pesquisa (acadêmico-científica ou não) e extroversão (exposição, publicações e educação patrimonial), entre outros procedimentos que compõem a cadeia operatória da museologia brasileira.

Em face dessa realidade, os trabalhos para a constituição do MAnA UFU, iniciados em 2017, *juntamente* à obtenção da guarda daquelas coleções arqueológicas junto ao IPHAN, já se encontram na iminência de sua conclusão.

Minha participação frente à coordenação deste processo, juntamente com mais dois colegas, o Prof. Dr. Marcel Mano (INCIS - UFU) e o arqueólogo Dr. Robson Rodrigues (Fundação Araporã), tem se dado em duas Comissões no âmbito da Universidade: a *Comissão de Estruturação e Criação do Museu de Antropologia e Arqueologia da UFU – MAnA UFU* e a *Comissão de elaboração do Regimento Interno do Museu de Antropologia e Arqueologia – ManA UFU*. Estas duas Comissões, como já anunciado em seus próprios títulos, são responsáveis pela criação do respectivo museu nas instâncias da Universidade Federal de Uberlândia, sendo que ele já se encontra aprovado pelo Conselho Universitário (CONSUN) e em fase de tramitação de seu Regimento no Conselho de Extensão da Universidade, o que tem possibilitado estabelecer nexos e diálogos profícuos entre a pesquisa, a extensão e a gestão.

A atuação no campo da gestão se dá aqui na medida em que me dedico, juntamente com os colegas já citados, à coordenação do processo de criação daquele museu, desde a confecção de seu Projeto museal, sua tramitação nos órgãos superiores da universidade (CONSEX, CONSUN, PROEXC e PREFE UFU), seu processo negocial junto aos parceiros envolvidos, MPF, CEMIG e IPHAN, e sua criação, capacitação estrutural e técnica para o seu pleno funcionamento.

No campo da pesquisa, esta experiência tem nos possibilitado reflexões sobre processos de musealização de acervos arqueológicos constituídos a partir de passivos resultantes de salvamentos em grandes empreendimentos públicos ou privados no Brasil como um todo e na região do Triângulo Mineiro a Alto Paranaíba - MG em particular.⁵² Sendo assim, temos concebido o MAnA UFU como um espaço museal e de pesquisa, de gestão e de guarda

⁵² FERREIRA FILHO, Aurelino José. Acervos arqueológicos musealizados e gestão no MAnA-UFU possibilidades de interpretações, apropriações e ressignificações no diálogo com as histórias, identidades, alteridades e etnicidades indígenas. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 34, n. 1, 2021.

de acervos a partir de uma perspectiva transdisciplinar entre a Arqueologia, a Antropologia, a História e a Educação, buscando dialogar com a complexidade arqueológica, histórica e social de coleções já salvaguardadas em museus universitários.⁵³

Portanto, o MAnA UFU será um espaço museal responsável por realizar pesquisas, curadoria, guarda e extroversão de acervos antropológicos e arqueológicos oriundos de pesquisas ou de doações diversas realizadas na região definida atualmente pelo sul de Goiás, Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, norte de São Paulo e leste de Mato Grosso do Sul, sendo uma Instituição endossada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN para fins de Guarda de Acervos.⁵⁴

5.4 O Programa de Educação Tutorial PET História do Pontal (2023-2026)

Em minha trajetória, dentre os cargos de gestão que ocupei, ainda atuo no cargo de Tutor *do Programa de Educação Tutorial – PET (2023-2026)* do Curso de História do Pontal, o qual também tem sido uma experiência bastante gratificante.

Este Programa tutorial foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1979 como forma de estímulo ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão Universitária, sendo que a Universidade Federal de Uberlândia - UFU aderiu a ele no ano de 2006, e o regulamentou na universidade no ano de 2011, o que atesta sua longevidade, tanto no MEC como na Universidade Federal de Uberlândia⁵⁵.

O PET História tem como objetivo proporcionar aos bolsistas e discentes do Curso situações complementares e extracurriculares que complementem a sua formação acadêmica no âmbito das aprendizagens, aprofundando os objetivos e os conteúdos programáticos que integram sua grade curricular. Neste sentido, o PET História, criado em 2010, busca proporcionar atividades e vivências fora do ambiente da sala de aula, o que contribui com a qualidade e o nível cultural e intelectual dos discentes do Curso como um todo, comprometido com compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais.⁵⁶

⁵³ FERRERIA FILHO, Aurelino José. ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E MEMÓRIAS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – MAnA/UFU. MOITARÁ - **REVISTA ELETRÔNICA DA FUNDAÇÃO ARAPORÁ** – v. 11, n. 10, 2023.

⁵⁴ FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>

⁵⁵ Programa Educacional Tutorial – PET / Pró-reitoria de Graduação Universidade Federal de Uberlândia – UFU: <https://www.prograd.ufu.br/pet> Acesso em 02/05/2024

⁵⁶ Planejamento PET História UFU Pontal – Curso de História UFU Pontal.

Sendo assim, em minha gestão frente ao PET História, por meio de seu planejamento anual, tenho acrescentado a necessidade deste Programa colaborar também com atividades e dinâmicas que contribuam para diminuir a baixa taxa de ocupação e permanência, bem como a evasão nas licenciaturas, principalmente em seus campi fora de sede, refletindo sobre estes desafios na perspectiva da construção e consolidação de uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Assim, o quadro seguinte apresenta minha atuação no campo da gestão educacional.

Quadro 11 - Gestão: Coordenação de Curso e participação em Comissões internas e externas, Programa Tutorial - PET

Participação em Comissões internas e externas	
1	Programa de Educação Tutorial PET História do Pontal (2023-2026). PORTARIA DE PESSOAL UFU Nº 2525, DE 11 DE MAIO DE 2023. Nomeia Aurelino José Ferreira Filho, tutor do grupo PET História do Pontal.
2	Comissão de Estruturação e Criação do Museu de Antropologia e Arqueologia da UFU, PORTARIA PROEXC Nº 44, DE 10 DE DEZEMBRO DE 2019 a fevereiro de 2022. Período considerado: 19/02/23 a 19/04/24.
3	Comissão elaboração de minuta de Regimento Interno do Museu de Antropologia e Arqueologia – ManA UFU. PORTARIA PROEXC Nº 157, DE 19 DE ABRIL DE 2023.
4	Coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID Interdisciplinar FACIP UFU (biênio 2014-2015).
5	Portaria de nomeação de Coordenação do curso de graduação em História 2017-2019. Faculdades Integradas do Pontal – FACIP, de 10 de maio de 2017
6	Presidente da Comissão de Extensão da Faculdade de Ciência Integradas do Pontal 2009-2010
7	FACIP / 2008-2009 - Membro da Comissão de Infraestrutura da Faculdade de Ciência Integradas do Pontal - FACIP / 2009-2010.
8	Representante da Unidade (FACIP) no Conselho de Extensão - CONSEX / 2008-2009
9	Membro do Conselho de Unidade - CONFACIP// 2008-2009
Participação em Bancas de Concursos e Processos seletivos	
1	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Concurso Público de Provas e Títulos para provimento de vaga de Professor na Carreira do Magistério Superior Federal. Universidade Federal de Uberlândia UFU. Ituiutaba, 2013
2	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Concurso Público de Provas e Títulos para provimento de vaga de Professor na Carreira do Magistério Superior Federal. Universidade Federal de Uberlândia UFU. Ituiutaba, 2009
3	FERREIRA FILHO, Aurelino José. Processo Seletivo Externo para provimentos de docentes. Universidade do Vale do Sapucaí. Pouso Alegre, 2005

Fonte: FERREIRA FILHO, Aurelino José - CV: <http://lattes.cnpq.br/1031192975749323>

6. A FORMAÇÃO DE UMA CARREIRA DOCENTE ENTRE O ENSINO, A PESQUISA, A EXTENSÃO, A GESTÃO E A PARTICIPAÇÃO NO MOVIMENTO DOCENTE ORGANIZADO

No entendimento que a atuação no movimento docente organizado contribui para o processo de formação docente e para a permanente constituição da própria Carreira docente, também compôs minha trajetória acadêmico-profissional a atuação nas instâncias formativas e reivindicativas do movimento docente das Instituições Federais de Ensino superior (IFES). Acredito que esta forma de participação muito acrescenta para a construção das relações entre Universidade e sociedade na perspectiva de uma universidade socialmente referenciada na medida em que atua em questões atinentes não só à Carreira docente mas também à própria Educação brasileira como u

m todo.

Assim, entre outras formas de atuação, assumi a presidência da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia, a ADUFU, no biênio de 2011- 2013. Foram anos marcados por discussões e mobilizações em torno da reforma da Carreira docente do magistério público federal que resultou na lei nº 12.863, de 24/09/2013. Após uma potente paralisação de 120 dias, que chegou a interromper as atividades de 57 das 59 universidades federais do país naquele momento, o movimento docente conseguiu que a proposta de reestruturação da Carreira apresentada pelo do Ministério da Educação – MEC acolhesse importantes contribuições da parte dos docentes em seu movimento reivindicativo organizado.

Mesmo tendo claro que normalmente não se atribui à atuação no movimento docente organizado importância significativa na trajetória acadêmica de um docente, destaco aqui o valioso processo que a participação nos espaços formativos deste movimento me proporcionou. Assim, minha participação nos diversos Grupos de Trabalhos (GTs) e nas diferentes Comissões e instâncias consultivas e deliberativas da Associação dos Docentes da UFU – ADUFU e do Sindicato Nacional - ANDES, me proporcionaram, e ainda proporcionam, possibilidades de ricas e plurais convivências com os colegas em valiosos debates de temas atinentes à Carreira docente, Educação pública, Ciência e tecnologia, Meio ambiente, Previdência pública, financiamento das universidades, multicampia, entre tantos outros temas que têm rebatimentos diretos na Carreira do Magistério superior no Brasil.

7. O PÓS-DOC COMO PROCESSO DE AMADURECIMENTO NO FAZER-SE DOCENTE

No período de 01/07/2019 a 31/12/2020 dediquei-me também ao meu estágio de pós-doutoramento desenvolvido no Instituto de Ciências Sociais - INCIS da Universidade de Uberlândia-UFU. O estudo foi intitulado *Indígenas no meio urbano: auto reconhecimento, memórias, identidades e protagonismo*, e ocorreu sob supervisão do Prof. Dr. Marcel Mano (PPG INCIS UFU), vinculado ao já citado Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena – GEPAEHI, e parte do projeto Memórias Indígenas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, coordenado pelo mesmo docente junto ao Programa de pós-graduação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia – INCIS UFU.

Penso ser importante destacar este momento como um período de amadurecimento das minhas reflexões a partir da minha trajetória de pesquisa nas temáticas relativas à História indígena, Memórias, Processos de musealização de acervos arqueológicos indígenas e Museologia social, com ênfase nos estudos e pesquisas atinentes aos indígenas em contextos urbanos no Brasil.

No estágio doutoral, dediquei-me aos autodeclarados(as) indígenas em contextos urbanos na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG, bem como a processos de musealização de acervos arqueológicos indígenas na perspectiva da museologia social.

Considero sempre que um

aspecto relevante acerca da atual condição do ser índio no Brasil contemporâneo (é) o autorreconhecimento e autodeclaração de pertencimento à um grupo étnico-cultural, especificamente o indígena, como elementos de afirmação de identidade por parte de sujeitos que fazem desta opção um lugar de ser e de pertença, o que, por sua vez, contribui para pensarmos identidades e protagonismos indígenas no momento presente.⁵⁷

Assim, dediquei-me a aspectos das Memórias Indígenas desta região a partir dos relatos daqueles(as) sujeitos, na perspectiva da produção de Relatos e Memórias como processo

⁵⁷ FERREIRA FILHO, Aurelino José. INDÍGENAS NO MEIO URBANO: AUTORRECONHECIMENTO, IDENTIDADES E PROTAGONISMOS. *Anais XXVII Simpósio Nacional de História*. ANPUH, Florianópolis, 2015.

de agenciamentos e empoderamentos por parte daqueles e daquelas que assim se autodeclararam. Neste sentido, o meu estágio pós-doutoral buscou se

localizar entre os estudos recentes que vem questionando a invisibilidade imposta aos indígenas brasileiros, enquanto sujeitos históricos, e o seu crescente protagonismo revelado pela historiografia recente.⁵⁸

Por me encontrar também bastante envolvido com a criação do já citado Museu de Antropologia e Arqueologia da UFU, o MAnA UFU, que se constitui um museu universitário na perspectiva da Museologia social, também me dediquei às leituras e ao aprofundamento acerca desta importante concepção de museológica social, entendida, como já definiu Mário Chagas⁵⁹, como

Seguindo por esse caminho os participantes da XV Conferência colocaram em relevo a “atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais”, reconhecendo que para todos eles devem ser assegurados o pleno direito de desenvolver experiências libertadoras. Não é o desejo de eternidade o que move esses museus, eles se assumem como transitórios, são resultado de uma museologia da transitoriedade, eles vão e voltam, abrem e fecham, “fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas”. Isso é novo (Chagas, 2013, p. 432).

Portanto, em meu estágio pós-doutoral procurei estabelecer nexos, diálogos e conexões teórico-metodológicas e práticas entre os diversos aspectos das instigantes linhas de pesquisas em História indígena e Museologia social, às quais tenho me dedicado já há um bom tempo, o que resultou em alguns artigos que publicizaram seus resultados.

O quadro abaixo apresenta o Relatório produzido para a conclusão de Estágio pós-doutoral junto ao Programa de pós-graduação no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia-UFU.

Quadro 12 - Relatórios acadêmicos de pós-doutoramento

FERREIRA FILHO, Aurelino José. Relatório Estágio Pós-doutoral - Indígenas no meio urbano: autorreconhecimento, memórias, identidades e protagonismos. Relatório de pesquisa pós-doutoral. PPG - INCIS, UFU. Uberlândia, 2020.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ CHAGAS, Mário. Museologia social em movimento. *Revista Cadernos Do Ceom*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 41,, 2013.

Fonte: PPGCS-UFU/Relatórios de Pesquisas/*Pós-doc*

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Não se trata aqui de conclusão, nem poderia, pois esta trajetória continua, ainda que agora mexida e alterada pela experiência da escrita deste Memorial. Mesmo sem buscar uma conclusão, mas talvez uma forma menos difícil de encerrar a escrita de um processo que, inevitavelmente, tanto mexe com nossas memórias, sentidos e sentimentos, devo dizer que este caminhar passou por momentos angustiantes, mas também gratificantes.

Sem dúvida, o medo de expor minha trajetória acadêmico-profissional, que também é pessoal, para fins de avaliação por parte de meus pares, e a insegurança causada pelo risco da cobrança por mais produção, o que seria justa e merecida, é a mais apavorante das angústias entre todas que perpassaram esta escrita.

Acrescente-se o fato de que produzir um Memorial também é abrir sua própria “caixinha” para si e para os outros, é encarar seus “fantasmas”, suas deficiências e opções, erros e acertos que definiram a trajetória de vida aqui apresentada, o que não é menos amedrontador.

Por outro lado, este processo também é muto gratificante, pois possibilita que nossa própria trajetória também seja compartilhada, publicizada e até mesmo avaliada. Há que se buscar, para além da própria progressão na Carreira, o que de melhor ele pode proporcionar como possibilidade de contribuir com esta forma de reflexão e momento de troca e diálogo com nossos pares. Entendo as cobranças como um processo dialógico que pode contribuir não para avaliar um percurso encerrado, mas uma trajetória que continua, individualmente, mas também acadêmica e coletivamente. Ele traz possibilidades reais de contribuir, mesmo que singelamente, para o próprio fazer-se da Carreira do magistério superior e para a própria Universidade pública brasileira.

Neste momento, também é impossível não externar minha gratidão à importante e valiosa experiência de dezesseis anos de atuação na própria Universidade Federal de Uberlândia-UFU, sem dúvida, minha mais longa e valiosa experiência formativa, não só em suas dimensões acadêmico-profissional, mas também social.

Foi nesta universidade, desde 2008, momento de meu ingresso como docente nesta instituição, que experimentei, como já dito na maioria das páginas deste memorial, as diferentes formas do fazer-se de um professor na própria docência, em seu sentido mais completo do

termo. Foi convivendo, trabalhando, debatendo e aprendendo com os e as colegas de trabalho, em suas diferentes instâncias e espaços, que me tornei o docente que hoje sou. Foram nos espaços democráticos desta universidade que compreendi os verdadeiros sentidos da Universidade pública brasileira, sua complexidade, sua grandeza, seus limites, perspectivas e desafios.

São igualmente responsáveis por esta trajetória a convivência com a pluralidade de ideais, pensamentos e posições em suas instâncias e Conselhos consultivos e deliberativos, e até mesmo em momentos e espaços menos pretenciosos como as conversas na sala de coordenação, bem como em encontros fortuitos nos corredores ou locais de cafezinhos.

Neste caminhar, aprendi que a escrita de um memorial não diz respeito ao fim de uma trajetória, mas apenas a uma pequena parada para uma importante reflexão sobre os caminhos traçados até aqui e para um merecido reconhecimento àqueles e àquelas que juntamente comigo caminharam, e que foram responsáveis por grande parte de meus acertos.

Por fim, a escrita deste meu Memorial também possibilitou a grata sensação de dever cumprido e de prestação de contas à sociedade e ao Ensino público brasileiro, do qual sou fruto e ao qual devo minha trajetória docente. A ele sou extremamente grato.

Enfim, é vida que segue.

REFERÊNCIAS

ANDREDE, Fernando César Bezerra de; MOITA Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação**. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 41 maio/ago. 2009

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BONDUKI, N. G. **Habitação e Autoconstrução: Construindo Territórios de Utopia**. Rio de Janeiro: Editora FASE, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1979.

BRAGANÇA, I. F. S. **Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto)biográficas**. Revista Linhas Críticas, n. 29, 2023.

CARDOS, Ciro Flamarion; VAINFAS, **Ronaldo Vainfas (Org.) Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Cidades e cidadão imaginados pelos meios de comunicação**. Rev. Opinião pública, Campinas, v. 8, n. 1, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CERTEAU, Michel. **Invenção do Cotidiano. Vol. 1: Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CHAGAS, Mário. **Museologia social em movimento**. Revista Cadernos Do Ceom, vol. 27, n. 1. Rio de Janeiro, 2013.

FERREIRA FILHO, Aurelino José. **INDÍGENAS NO MEIO URBANO: AUTORRECONHECIMENTO, IDENTIDADES E PROTAGONISMOS**. Anais XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH, Florianópolis, 2015.

FERREIRA FILHO, Aurelino José. **Indígenas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: sítios arqueológicos patrimônio**. Albuquerque: revista de história, v. 10, n. 19, 2018.

FERREIRA FILHO, Aurelino José; RODRIGUES, Robson Antônio; MANO, Marcel. **ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAIBAMG: o Centro de Conservação e Restauro de Acervos Arqueológicos**

– CECRAAR. V Seminário de Preservação de Patrimônio Arqueológico do MAST. Rio de Janeiro, 2019.

FERREIRA FILHO, Aurelino José. **TRABALHO, INSALUBRIDADE E RESISTÊNCIA. A Experiência dos Trabalhadores da Categoria Química do ABC Paulista (1984-1990).** Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação da PUC SP. São Paulo, 2000.

_____. **OS VELHOS CURTUMEIROS DA CIDADE DE FRANCA – SP. TRABALHO E EXPERIÊNCIA 1940 -1980.** Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação da PUC SP. São Paulo, 2007.

FERREIRA FILHO, Aurelino José. **Acervos arqueológicos musealizados e gestão no MAnA-UFU possibilidades de interpretações, apropriações e ressignificações no diálogo com as histórias, identidades, alteridades e etnicidades indígenas.** Revista de Arqueologia, São Paulo, v. 34, n. 1, 2021.

_____. **ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E MEMÓRIAS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – MAnA/UFU.** MOITARÁ - REVISTA ELETRÔNICA DA FUNDAÇÃO ARAPORÃ - V. 11, N. 10 (2023).

FERREIRA, Marina B. Autoconstrução e autogestão habitacional no Brasil: um estudo comparativo em dois períodos: 1975-1986 e 2004-2018. Publicação do Programa de Mestrado Profissional Stricto Sensu em Engenharia Civil da Universidade São Judas São Paulo, v. 3, 2020.

FREITAS, Dayse Stefanie de Lima; SOUZA Jr, Arlindo José. **Importância do memorial enquanto estratégia de formação profissional no projeto veredas.** Olhares & Trilhas, v. 5, n. 1, 2009.

García Canclini, Néstor. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação.** Rev. Opinião pública, Campinas, v. 8, n. 1, 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro.** Rio de Janeiro: Editora 34, 217.

Libby, Douglas Cole. **Transformação e Trabalho em uma economia escravista.** São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARICATO, E. A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. 2ª ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

MARQUES, Waldemar. Ensino, pesquisa e gestão acadêmica na universidade. Revista Avaliação, Campinas, SP, v. 16, n. 3, 2011.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação.** Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 41, 2009.

NASCIMENTO, Ladislau Ribeiro. **O memorial como estratégia de ensino e pesquisa.** Revista Teias, v. 19, n. 53, 2018.

OLMO-EXTREMERA, Marta; FLEURI, Reinaldo Matias. **Colonialidade e resistência.** Rio de Janeiro: Ed. Appis, 2020.

REGO, Teresa Cristina. **Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos.** Universidade de São Paulo, Butantã, SP, Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 58, 2014

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram Em Cena.** Paz e Terra. São Paulo, 1988.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias. Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação.** EDUSP, São Paulo, 1997.

SILVA, Wilton C. L. **A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita.** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 7, n.15, 2015.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comuns.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Memorial acadêmico para Professor Titular. Exercício de escrita de si: uma trajetória intelectual no âmbito do ensino e da pesquisa em história da educação.** Educar em Revista. Curitiba, n. 63, 2017

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura.** Trad. por Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo.** São Paulo: Edunesp, 2011.